INSTITUTO SUPERIOR MIGUEL TORGA

Escola Superior de Altos Estudos

Expectativas Futuras de Jovens Institucionalizados

- Autoestima e Figuras Significativas -

Ana Isabel Pedro dos Santos Claro Marques

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

(Ramo de Especialização em Psicoterapia e Psicologia Clínica)

Coimbra, Outubro de 2013

Expectativas Futuras de Jovens Institucionalizados

- Autoestima e Figuras Significativas -

Ana Isabel Pedro Dos Santos Claro Marques

Dissertação de Mestrado apresentada ao ISMT para a Obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica (Ramo de Especialização em Psicoterapia e Psicologia Clínica)

Orientador(a): Professora Doutora Carolina Henriques, Professora Adjunta na Escola Superior de Saúde de Leiria, Instituto Politécnico de Leiria

Coimbra, Outubro de 2013

AGRADECIMENTOS

No decorrer desta investigação, várias foram as pessoas que contribuíram para que esta etapa fosse cumprida, sem elas não teria sido possível.

As **Instituições** participantes no estudo, Casa de Santo António, Lar São Martinho, Lar "O Girassol" pela disponibilidade, interesse e cooperação desde o primeiro contato. Ao Diretor das três instituições Sr. Padre Serra, e aos Técnicos Dr. Luís, Dra. Sandra e Dra. Filipa.

À **Professora Doutora Carolina Henriques** pela colaboração e incentivo, bem como toda a motivação, rigor e aconselhamento que tentou sempre transmitir e por acreditar neste projeto.

Á **Professora Doutora Margarida Pocinho** pela sua amizade, pelo seu incentivo e pela partilha dos seus conhecimentos, por me ter feito acreditar até ao fim.

Aos **meus colegas de mestrado**, Silmara, Cristina, José, Inês, Joana, incansáveis companheiros desta jornada, por tornarem este projeto alegre e enriquecedor, com vocês nunca me senti desamparada.

Os meus especiais agradecimentos vão para a minha **Família** e para os **Meninos e Meninas** participantes no estudo a quem dedico esta dissertação com votos que a vida vos sorria sempre.

Á **minha Mãe** pela sua capacidade de me acalmar e incentivar com a sua doçura e amor de sempre…Obrigado.

Aos **meus filhos**, **Luís** e **Pedro,** por perceberem, por acreditarem, por me incentivarem, pelos vossos mimos, pela fonte inesgotável de alegria, inspiração e amor….Obrigado.

Ao **meu Marido**, por ter estado sempre presente neste percurso, por ter feito deste meu projeto, o nosso projeto, pelo apoio incondicional, pelo incentivo constante, por ser sempre o meu porto de abrigo, por ter acreditado sempre...Obrigado.

Aos meninos e meninas participantes deste estudo, pela vossa disponibilidade e interesse, por me receberem de coração aberto, por confiarem em mim, sem vocês este projeto não teria existido…. Obrigado.

LISTA DE SIGLAS

ISMT – Instituto Superior Miguel Torga

$\bar{X}$ - Média

Md - Mediana

Mo – Moda

Xmáx. – Valor Máximo

Xmin. – Valor Mínimo

QLFS- Questionário de Ligação a Figuras Significativas

RESUMO

Este estudo, de natureza quantitativo, correlacional e transversal, debruçou-se sobre as expetativas futuras, a autoestima e as figuras significativas de jovens institucionalizados. Esta investigação teve como objetivos conhecer as características sociodemográficas dos jovens institucionalizados no Lar de São Martinho, na Casa da Crianças de Santo António e Lar "O Girassol"; conhecer as características relativas ao processo de institucionalização; conhecer as figuras significativas; analisar a relação existente entre algumas características sociodemográficas (Idade e Género) e a autoestima dos jovens; analisar a relação existente entre algumas características relativas ao processo de institucionalização (Motivo de Institucionalização e Tempo de Permanecia na Instituição) e a autoestima e por ultimo conhecer as expectativas futuras destes jovens.

A amostra foi constituída por 41 jovens institucionalizados no distrito de Coimbra com idades compreendidas entre 11 e os 22 anos de idade, sendo que 12 eram do sexo feminino e 29 do sexo masculino.

Foram utilizados como instrumentos, o questionário sociodemográfico, o Inventário de autoestima de Coopersmith, a escala General Self, que pretende estimar a autoestima e o Questionário de Ligação a Figuras Significativas – QLFS.

Como principais resultados podemos concluir que os jovens no estudo revelaram ter expectativas em relação aos projetos futuros. Foi possível verificar que estabelecem relações de afeto, de segurança e confiança com técnicos, funcionários das instituições e com grupos de pares, e por último foi ainda possível verificar que a autoestima é mais baixa quando o motivo de institucionalização esta associado ao abandono, negligência e violência familiar.

Palavras-chave: Autoestima; Figuras Significativas; Institucionalização.

ABSTRACT

This study, of quantitative, correlational and transversal nature, has leaned on future expectations, self-esteem and the significant figures of institutionalized youth. This investigation has had as purposes to know the sociodemographic characteristics of the institutionalized youth at the Saint Martinho's Home, at the House of Saint Antonio's Children and the House of the Sunflower; to know the characteristics concerning the institutionalization process: to know the significant figures; to analyze the relationship that exists between some sociodemographic characteristics (age and gender) and the selfesteem of the youth; to analyze the relationship that exists between some characteristics regarding the institutionalization process (Reason for institutionalization and Time of permanency in the Institution) and the selfesteem and, lastly to know the future expectations of these young people.

The sample was composed by 41 young people institutionalized in the district of Coimbra with ages that range from 11 and 22 years old, being that 12 of them were of the female gender and 29 of the male gender.

As instruments they were used the sociodemographic questionaire, Coopersmith's selfesteem Inventory, The General Self scale which aims to assess selfesteem and the Questionaire of Attachment to Significant Figures - QASF.

As main results we can conlude that the youth in the study revealed to have expectations regarding future projects. It was possible to verify that they establish relationships of afection, safety and confidence with technicians, institution employees and their peers and also, it was also possible to observe that selesteem is lower when the reason for institutionalization is associated with abandonment, negligence and family violence.

Keywords: Selfesteem; Significant Figures; Institutionalization

ÍNDICE

Parte I – Introdução 9
1. Institucionalização de Jovens e Expetativas Futuras 10
2. A Autoestima, definição do construto 12
3. Figuras Significativas - Importância de figuras de afeto na construção da identidade 15
4. Expectativas Futuras de Jovens Institucionalizados – Autoestima e Figuras Significativas: Estudos Empíricos 17
Parte II – Contribuição Pessoal 22
1. Materiais e Métodos 22
1.1Tipo de Estudo 22
1.2Objetivos de Investigação 23
1.3Questões de Investigação 23
1.4Hipóteses 24
1.5População e Amostra 24
1.6.Instrumentos de Colheita de dados 25
1.7 Procedimentos formais e éticos 29
1.8 Análise estatística 30
2. Apresentação e Análise de Resultados 30
2.1 Analise Descritiva 30
2.2 Analise Inferencial 41
3. Discussão dos resultados 44
CONCLUSÃO 49
Referências Bibliográficas 51
Anexo I - Instrumentos de recolha de dados
Anexo II - Autorização das Autoras para utilização dos Instrumentos
Anexo III - Pedido de autorização para a recolha de dados

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1:Inventário de Autoestima (SEI): Matriz de correlações entre subescalas…….27
Tabela 2: Teste de Normalidade de Shapiro-Wilk……...30
Tabela 3: Distribuição da amostra face as Instituições participantes no estudo……..31
Tabela 4: Distribuição da amostra face à distribuição por sexo feminino……...31
Tabela 5: Distribuição da amostra face à distribuição por sexo masculino…….31
Tabela 6: Distribuição da amostra face a dados sociodemográficos (sexo dos jovens)……...31
Tabela 7: Distribuição das problemáticas dos menores por Instituição……...32
Tabela 8: Distribuição das problemáticas das famílias dos jovens Institucionalizados……...32
Tabela 9: Distribuição dos Projetos de Vida pelas Instituições……...32
Tabela 10: Distribuição da amostra face a manutenção do contacto com a Instituição……...33
Tabela 11: Distribuição da amostra face a dados dos motivos da institucionalização…….33
Tabela 12: Distribuição da amostra face a dados da Situação Institucional……33
Tabela 13: Distribuição da amostra face a dados da Situação Institucional……34
Tabela 14: Distribuição da amostra face a dados relativos à identificação familiar……34
Tabela 15: Caracterização da amostra face à idade e tempo de institucionalização……35
Tabela 16: Caracterização da amostra face ao número e idade dos irmãos…….35
Tabela 17: Distribuição da amostra face a dados relativos à Escolaridade…….36
Tabela 18: Caracterização da amostra face ao número de reprovações……...36
Tabela 19: Distribuição da amostra face à Profissão que gostariam de ter no futuro……..37
Tabela 20: Distribuição da amostra face à Pessoa que gostariam de ver envolvidas no Projeto Futuro……...37
Tabela 21: Distribuição da amostra face às pessoas adultas (Pessoa A) importantes na vida dos jovens……..……..38
Tabela 22: Distribuição da amostra face às pessoas adultas (Pessoa B) importantes na vida dos jovens…….38
Tabela 23: Distribuição da amostra face às pessoas adultas (Pessoa C) importantes na vida dos jovens…….39
Tabela 24: Distribuição da amostra face a dados em relação ao adulto importante na sua vida (Pessoa
A)…….....39
Tabela 25: Distribuição da amostra face a dados em relação ao adulto importante na sua vida (Pessoa B)…….....40

Tabela 26: Distribuição da amostra face a dados em relação ao adulto importante na vida do jovem (Pessoa C)……..……41
Tabela 27: Resultados da Aplicação da Correlação de Pearson entre as dimensões da autoestima e a idade dos Jovens……...42
Tabela 28: Resultados da aplicação do Teste t-Student entre as dimensões de autoestima e género dos jovens…….42
Tabela 29: Resultados da aplicação da correlação de Spearman entre as dimensões da autoestima e o tempo de institucionalização……43
Tabela 30: Resultados da aplicação o Teste Anova entre o motivo de institucionalização e a autoestima……....44

Parte I – Introdução

Este estudo incide sobre as expectativas futuras de jovens institucionalizados, abordando a autoestima e figuras significativas na vida destes.

Alves (2007) refere que a definição atempada dos projetos de vida das crianças é deficitária, traduzindo-se num constante adiamento sucessivo das diligências necessárias para o encaminhamento imediato da criança para o projeto mais adequado. O apoio para a autonomia de vida não é a primeira opção definida da institucionalização em termos de projetos de vida para os jovens. Assim, torna-se importante desenvolver condições para implementar autonomia e confiança pois verifica-se que a população institucionalizada é composta por adolescentes que dificilmente poderão voltar à família de origem.

O desenvolvimento de competências sociais e pessoais deverá ser efetuado precoce e individualmente aquando da entrada da jovem na instituição, apostando na criação de laços de afetividade e de confiança e sobretudo, transmitindo aos jovens competências fundamentais para a sua vida futura.

Barth *et al.* (2009) sublinham que a institucionalização está associada frequentemente a problemas familiares de várias ordens. Vítimas da desestruturação do seio familiar, os jovens vivem uma vida marcada pela instabilidade e pela inconstância nas relações de afeto, manifestando um fraco auto conceito de si mesmo e uma inexistência de figuras de conforto e de segurança, fatores estes tão importantes na formação do self. No reingresso à vida ativa são estes jovens os mais propensos ao desemprego, à paternidade precoce e à precariedade económica, levando-os muitas das vezes a repetir comportamentos com os seus próprios filhos, por ser esta a única realidade que conhecem

Este estudo procura constituir-se uma mais-valia na área dos jovens institucionalizados, mais concretamente na relevância da existência de projetos precoces e assertivos para uma melhor reintegração na vida futura destes jovens.

O trabalho de investigação aqui apresentado consiste num estudo descritivo e correlacional, com uma amostra de jovens institucionalizados em instituições na Figueira da Foz e Coimbra. Está organizado em duas partes, sendo a primeira uma revisão da literatura sobre os vários conceitos incluídos no estudo, assim como alguns estudos empíricos sobre a mesma temática. A segunda parte reúne a contribuição pessoal, composta pelos materiais e métodos utilizados, resultados e a discussão dos mesmos. Ainda faz parte deste trabalho a

conclusão, que de forma sucinta reúne os resultados obtidos desta investigação e uma reflexão sobre o processo de elaboração do mesmo.

1. Institucionalização de Jovens e Expetativas Futuras

Os primeiros anos de vida são fundamentais para todos os seres humanos. Nesta fase, passamos por mudanças físicas, emocionais, aquisições cognitivas e sociais e formas de aprender, comunicar, brincar e transformar o ambiente através de resolução de problemas. Como tal, é essencial para garantir o desenvolvimento saudável, ambientes que forneçam respostas abrangentes quer a nível emocional e social.

O Estado e a sociedade têm um especial dever na promoção e proteção dos direitos das crianças e jovens em risco. Assim, torna-se imperativo que o Estado promova uma política específica para as crianças e jovens que sejam sujeitas a maus-tratos, abusos de autoridade, negligência, abandono e, ainda, aqueles a quem os pais ou os representantes legais não prestam os cuidados necessários ao seu desenvolvimento.

Para Alves (2007) a institucionalização deverá ser a última opção de intervenção social e judicial junto de crianças e jovens em perigo, aplicando-se exclusivamente quando não existem condições efetivas na família biológica, nuclear ou alargada, para que a criança aí permaneça em segurança.

Alberto (2003) considera que a institucionalização tem como objetivo primordial proteger a criança ou o jovem, das condições desfavoráveis de que é alvo no seu ambiente familiar e fomentar o seu desenvolvimento biopsicossocial. "Institucionalização de crianças e adolescentes faz lembrar pássaros e as instituições imagens de gaiolas, em que cada instituição é uma casa de faz-de-conta, é uma família de faz-de-conta, para crianças e adolescentes que continuam a sentir um profundo vazio de uma casa de verdade, com uma família de verdade, como têm os outros meninos e meninas" (Alberto, 2003, p.242).

Alves (2007) acentua a ideia que é atribuída às instituições a responsabilização da prestação de cuidados de saúde e de alimentação, de forma a promover o desenvolvimento físico, cognitivo, psicológico e afetivo e o equilíbrio emocional destas crianças e jovens. Por sua vez, essas também são responsáveis pelas atividades educativas e escolares que são geralmente destinadas aos progenitores, sendo que estes cuidados deverão ser prestados tendo em conta a idade da criança e do jovem, o seu género, origens sociais, percursos de vida e características individuais de personalidade.

Em Portugal e segundo dados do relatório Casa 2012 da Segurança Social, reportando os valores ao ano de 2011, sobressai claramente que a faixa etária dos adolescentes está entre

os 12 e os 17 anos. Quanto à distribuição por sexo, verifica-se, no universo das crianças e jovens em situação de acolhimento, uma tendência de ligeiro predomínio do sexo masculino até aos 14 anos, tendência que se inverte a partir dos 15 anos (Relatório Casa, 2012).

Do mesmo relatório pode constar-se uma elevada prevalência de problemas de comportamento das crianças e jovens. Continua a verificar-se uma constante na predominância na faixa etária dos 15-17 anos, identificando-se 864 jovens com comportamentos perturbadores.

A questão do projeto de vida assume importância fulcral na caracterização do funcionamento dos lares de crianças e jovens (Martins 2004).

Por projeto de vida, entende-se o plano tecnicamente traçado que tem por pressuposto a projeção no futuro de determinado estilo de vida considerado desejável para a criança ou jovem. O projeto de vida inclui, em termos conceptuais, as orientações para a prossecução do fim desejado e as atividades a levar a cabo pela criança para atingir esse objetivo. Porque o projeto de vida assim percecionado deve ter em conta as necessidades escolares e de formação, as necessidades afetivas e as necessidades relacionais, a sua definição e implementação torna-se o cerne do trabalho técnico de acompanhamento das crianças e jovens que vivem em lar (Instituto para o Desenvolvimento Social, 2000).

A definição e concretização cuidadosa e individualizada do projeto de vida de cada criança e jovem traduzem uma das funções fundamentais do acolhimento institucional e familiar, face ao seu carácter meramente instrumental e temporal com a função de garantir por todos os meios ao alcance, que cada criança e jovem possam crescer em família (Relatório Casa, 2012).

De facto, na sua aparente unidade, a juventude apresenta uma grande diversidade. Machado (1993), propõe que juventude seja principalmente olhada em dois eixos semânticos: "como aparente unidade, quando referida a uma fase da vida e como diversidade, quando estão em jogo diferentes estatutos sociais que fazem distinguir os jovens uns dos outros (Machado, 1993, p. 33). Não é a mesma coisa falar de jovens das classes médias ou de jovens operários, de jovens rurais ou urbanos, de jovens estudantes ou trabalhadores, de jovens solteiros ou casados. Quando dizemos isto, estamos a falar de juventudes em sentido completamente diferente do da juventude quando referida a uma fase da vida (Machado, 1993).

Estes projetos de vida traduzem resultados significativos, ajudam a alcançar uma melhor preparação para a educação, aumentam a probabilidade e fortalecerem a aprendizagem, reduz os sucessivos insucessos, um fator que leva ao sistema de abandono

precoce na educação, e aumenta a percentagem de jovens que conseguirão completar os estudos.

Distinguem-se no Relatório Casa 2012, 1.085 crianças e jovens sem projeto de vida, verificando-se que destes, 549 são crianças com idades compreendidas entre os 0 e 3 anos de idade e 536 são jovens entre os 12 e os 20 anos. Continua a manter-se a predominância dos projetos de vida para a autonomização e reintegração na família nuclear, seguindo-se a adoção, sendo que os projetos de vida passam por um acolhimento permanente, reintegração na família alargada e confiança à guarda de terceira pessoa e apadrinhamento civil.

Dado a natureza do presente estudo, dos dados do Relatório Casa 2012, apenas foi complementado os valores referentes a automatização como projeto de vida, sendo este efetivamente o que continua a sobressair, com um peso de 37,4%.

O projeto de automatização refere-se aos jovens que se mantém institucionalizados por um período longo na impossibilidade de voltar ao meio familiar, durante o qual deverão ser estimuladas e apoiadas as suas competências pessoais e sociais visando a preparação para a sua plena autonomia futura. Verifica-se que é na faixa etária dos 15-17 anos que automatização prevalece com um total de 1.321 jovens, sendo que destes, 707 encontram-se acolhidos há 4 anos ou mais.

2. A Autoestima, definição do construto

A autoestima surge nos primeiros anos de vida, e desenvolve-se através de experiências de interação com o mundo que nos rodeia, necessita de ser fortalecida desde esta altura, pois é uma grande necessidade humana, indispensável para um desenvolvimento normal e saudável (Branden, 2002).

Durante algum tempo, a autoestima foi reconhecida como um importante contributo para o bem-estar mental, segundo Sonstroem, 1984 e Letícia Casique, 2004, citados por Silva (2007), associada a qualidades positivas como a estabilidade emocional, forma de lidar com o stress, felicidade e satisfação de vida (Diener & Diener, 1995).

Segundo Blascovich e Tomaka, 1991, (citados por Silva 2007), a autoestima é uma avaliação sumaria dos diferentes atributos do *self*, baseia-se no encontro de padrões definidos pessoalmente e o comportamento é internamente regulado. É influenciada por características demográficas, pelo corpo físico, pela dinâmica psicossocial, pelo ambiente social e cultural. Para uma melhor compreensão da autoestima, é necessário ter em conta a cultura predominante e o nível de interiorização dos valores e ideais desta pelo indivíduo.

Existe uma tendência em adotar um Eu que reflete a forma como os outros nos veem. Dado que a cultura dominante influencia o indivíduo, este pode estar liberto de constrangimentos culturais e expressar "individualismo" ou mostrar-se mais submisso ou resignar-se a pressões dos seus pares (Silva, 2007).

Coopersmith (1981) refere a autoestima como a avaliação mantida pelo indivíduo acerca de si próprio, podendo exprimir uma atitude positiva ou negativa, indicando a ideia que este tem de si. Este mesmo autor estudou as condições e experiências concretas que fortalecem ou debilitam a autoestima, empregando tradicionais métodos psicológicos, particularmente mediante a observação controlada. Considerou que as maiores relevâncias para o seu estudo são as indicações de que dominação de crianças, rejeição e punição severa resultam em autoestima baixa. Sob tal condição, as crianças experimentam menos o amor e sucesso, e tendem a ficar geralmente submissas e passivas (embora mudando de comportamento, ocasionalmente, para o oposto extremo de agressão e dominação). Crianças criadas sob tais circunstâncias, segundo este autor, têm menor probabilidade de serem realistas e efetivas no seu dia-a-dia, e têm mais probabilidade de manifestar padrões de comportamento anticonvencionais. "As crianças não nascem preocupadas em serem boas ou más, espertas ou estúpidas, amáveis ou não, desenvolvem estas ideias. Elas formam autoimagens baseadas fortemente na forma como são tratadas por pessoas significantes, os pais, professores e amigos" Coopersmith (1981, p.2).

Coopersmith (1981, p.4) refere-se, também, a estudos que indicam: Uma pessoa com autoestima alta mantém uma imagem bastante constante das suas capacidades e da sua distinção como pessoa, assim como pessoas criativas têm alto grau de autoestima. Estas pessoas com autoestima alta também têm maior probabilidade para assumir papéis ativos em grupos sociais e efetivamente expressam as suas visões. Menos preocupados por medos e ambivalências, aparentemente orientam mais diretivamente e realisticamente às suas metas pessoais. Constata como significativo para a formação do Eu o relacionamento entre a criança e os adultos importantes de sua vida.

O mesmo autor define cinco condições que contribuem para melhorar a autoestima da criança: a) experimentar uma total aceitação de seus pensamentos, sentimentos e valores pessoais; b) estar inserida num contexto com limites claramente definidos, desde que sejam justos e não opressores; c) os pais não usarem de autoritarismo e violência para controlar e manipular a criança, bem como não humilhar, nem a ridicularizar; d) os pais devem manter altos padrões e altas expectativas em termos de comportamentos e desempenhos da criança;

e, e) os pais devem apresentar um alto nível de autoestima, pois eles são exemplos vivos do que a criança precisa aprender.

Os estudos de Coopersmith evidenciaram em saber quais as características dos outros significantes que alimentam positivam ou negativamente a autoestima (Bednar & Peterson, 1995). Para avaliar este aspeto, Coopersmith (1981) dividiu as autoavaliações dos sujeitos em quatro áreas de avaliações subjetivas: pais, amigos, escola e si-mesmo ou eu geral. Dentro destas áreas, o indivíduo pode variar de acordo com sexo, idade e outras condições de definição de papéis. Alguns fatores que determinam a autoavaliação foram referenciados por: a) o valor que a criança percebe dos outros em direção a si, expresso em afeto, elogios e atenção; b) a experiência da criança com sucessos ou fracassos; c) a definição individual da criança de sucesso e fracasso, as aspirações e exigências que a pessoa coloca a si mesmo para determinar o que constitui sucesso; e, d) a forma da criança reagir a críticas ou comentários negativos.

Branden (2002) descreve, uma correlação entre autoestima alta nas crianças e aceitação e respeito à individualidade por parte dos pais, dentro de uma postura de autoridade e firmeza que o indivíduo mantém em face de si mesmo. É uma experiência subjetiva que o indivíduo expõe aos outros por relatos verbais e expressões públicas de comportamentos.

A necessidade de autoestima tem sido apontada como um dos motivos mais importantes do ser humano (Pyszczynski, Greenberg, Solomon, Arndt, & Schimel, 2004 citado Janeiro 2008). Esta necessidade básica de valorização pessoal tem sido explicada como tendo diversas funções, como seja a estabilidade entre self, o desenvolvimento da confiança para o alcance de objetivos, a monitorização do grau de aceitação pessoal e proteção da rejeição ou exclusão social (Leary et al. 1995) ou, ainda, a proteção contra os efeitos das emoções negativas, nomeadamente da ansiedade existencial provocada pela contemplação da fragilidade e vulnerabilidade da vida (Pyszczynski et al. 2004, citado por Janeiro, 2008).

Conclui-se que a autoestima é considerada um dos principais preditores de resultados favoráveis na adolescência e na vida adulta, tendo implicações em áreas como sucesso ocupacional, relacionamentos interpessoais e desempenho académico (Trzesniewski, Donnellan & Robins, citado por Janeiro 1997). Por outro lado, a influência desta característica também tem sido observada em problemas adversos como agressão, comportamento antissocial e delinquência na juventude (Donnellan, Trzesniewski, Robins, Moffitt & Caspi, 2005, citado por Janeiro 2008). O ponto fundamental da autoestima é o

aspeto valorativo, o que influencia na forma como o indivíduo elege suas metas, aceita a si mesmo, valoriza o outro e projeta suas expectativas para o futuro (Bednar & Peterson, 1995).

3. Figuras Significativas - Importância de figuras de afeto na construção da identidade

A vinculação pode ser, definida como um tipo específico de laço afetivo, em que a criança procura segurança e conforto na relação com o adulto (Ainsworth, 1989, citado por Serra, 2013). Segundo Hazan e Zeifman (1999), citados por Mota, 2008, existem quatro aspectos que caracterizam as relações de vinculação: manutenção da proximidade, angústia de separação, porto seguro e base segura. Deste modo, a figura de vinculação serve de base segura para que a criança explore o mundo que a rodeia. Por seu lado, a criança monitoriza de forma constante a proximidade e disponibilidade da figura de vinculação. Quando a criança perceciona perigo ou sente ansiedade, procura a figura de vinculação como porto seguro.

Uma vez que as separações da figura de vinculação significam um sinal de perigo potencial, a criança reage com angústia. No entanto, logo que a criança sente que a figura de vinculação está suficientemente próxima é que começa a explorar e a aprender sobre o ambiente que a rodeia

O bebé tem o mundo limitado às suas necessidades corporais (Winnicott, 2000). A mãe, quem melhor conhece o bebé, busca satisfazer tais necessidades, pois apesar de indefeso e incapaz, o bebé vai-se desenvolvendo através do contato, calor corporal, movimento, alimentação, cuidados de higiene que a mãe proporcionará (Winnicott, 2000), esses cuidados fazem o bebé sentir-se amado, o que influenciará a visão de si próprio, as suas relações interpessoais e a sua autoestima.

Para Bowlby (1981) e Mota e Matos (2008), é a partir dessa interação afetiva mãe bebé que se desenvolvem as primeiras representações mentais do recém-nascido, sendo a mãe considerada uma figura de apego, pois é quem através do seu contato, satisfaz a necessidade social primária do bebé. É na identificação primária que a criança estabelece a sua condição de ser, de existir.

As diferenças individuais ao nível da qualidade da relação de vinculação têm sido divididas em duas grandes categorias, nomeadamente as relações de vinculação seguras e as relações de vinculação inseguras (Bowlby, 1984). Uma relação de vinculação é considerada segura quando a criança confia na figura de vinculação como sendo uma fonte disponível de segurança e conforto em situações de necessidade. Ao nível comportamental, as crianças com uma vinculação segura exibem poucos comportamentos de vinculação quando não existem

perigos, mas quando percecionam perigo são capazes de dirigir comportamentos de vinculação e, como resultado disso, sentem-se reconfortados pela figura de vinculação. As crianças com uma vinculação segura acreditam nos seus cuidadores e, como consequência, são crianças confiantes nas suas próprias interações com o ambiente envolvente (Ainsworth, 1979; citado por Silva, 2011).

Pelo contrário, as crianças com uma vinculação insegura têm dúvidas em relação à disponibilidade dos cuidadores, receando que estes não respondam ou reajam de uma forma ineficaz às suas necessidades. A experiência repetida ao nível da não ausência de cuidados por parte dos cuidadores leva a que a criança seja incapaz de dirigir comportamentos de vinculação nas situações adequadas. Por outro lado, estas crianças não se sentem capazes de explorar o ambiente e, por isso, têm menos confiança em si próprias e no ambiente que as rodeia (Ainsworth, 1979; Weinfield, Sroufe, Egeland & Carlson, 1999, citados por Sá, 2010).

A qualidade da vinculação tem sido associada a uma melhor adaptação das crianças ao longo da infância e em diferentes áreas. As crianças com uma vinculação segura interagem de forma mais positiva com os pais, desenvolvem relações de maior qualidade com os pares e têm maior capacidade de regular as suas emoções. Para além disso, a qualidade da vinculação está associada ao desenvolvimento das características de personalidade e do autoconceito (Thompson, 2008).

Ao falarmos de criança institucionalizada, observamos que, mesmo recebendo cuidados primários, desenvolvem com maior dificuldade ligações significativas (Rizzini, 1997). É essencial o entendimento de que a privação de laços afetivos durante a infância interfere no desenvolvimento saudável da criança, podendo afetar as suas relações com o outro e com o meio que a rodeia. O mesmo autor refere que o princípio que deve nortear a ação dos que trabalham com crianças institucionalizadas deverá ser sempre o de garantir à criança as condições necessárias para o seu pleno desenvolvimento, tanto no presente quanto no futuro.

Após a separação das famílias de origem, estas crianças e adolescentes procuram outras referências de apego, mantendo relações afetivas com outras crianças à semelhança do apego da díade mãe-bebé. (Silva, 2011).

Bowlby (1984) refere-se aos cuidados substitutos, como uma forma de tentar diminuir os danos causados pela privação do amor dos pais nas crianças institucionalizadas. Esses cuidados, realizados por uma figura significativa de afeto, são imprescindíveis para o desenvolvimento da criança e para a formação do seu psiquismo, mesmo sendo sabido que eles não são totalmente adequados.

As vinculações afetivas estabelecidas antes da institucionalização, mediadas principalmente por violência de toda ordem, comparecem de forma sólida. Elas não se dissipam com os anos vividos na instituição. Possivelmente, o pouco que obtiveram nas relações, são guardados como um tesouro do qual não se querem desfazer.

Marin (1999) defende a institucionalização como uma oportunidade positiva para o desenvolvimento dos jovens. A autora refere que a criança encontra na instituição os limites para aquisição de sua identidade, colocando-a como um sujeito ativo. A desmistificação desses aspectos abre espaço para que a instituição seja uma alternativa e uma possibilidade viável ao desenvolvimento integral da criança, mesmo privada da convivência familiar. Refere ainda que a instituição é um local muito importante, pois é onde as crianças realizam um grande número de atividades, funções e interações, como também um ambiente com potencial para o desenvolvimento de relações recíprocas, de equilíbrio de poder e de afeto. O apoio social e afetivo oferecido pela instituição, pode gerar o desenvolvimento da capacidade de resiliência e desenvolvimento adaptativo (Orionte & Souza, 2005).

Santana e Koller (2004), defendem que a instituição deve ser repensada como um local onde as crianças e adolescentes podem construir relações significativas positivas, do ponto de vista da construção de sujeitos. Considerando que os técnicos e funcionários das instituições desempenham um papel central, como aqueles que irão orientá-los e protegê-los, fazendo parte da sua rede de apoio social e afetivo. Dessa forma, pode-se dizer, que as boas experiências de uma criança ou adolescente nas instituições vão depender dos vínculos afetivos e do apoio social que a instituição vai desempenhar, servindo de mais um elo para a formação de suas identidades e para o seu desenvolvimento e criando oportunidades para o de satisfação na vida social e pessoal.

4. Expectativas Futuras de Jovens Institucionalizados – Autoestima e Figuras Significativas: Estudos Empíricos

Fernández et al. (2010) realizaram um estudo científico com o título "A relação entre o apoio social, satisfação com a vida e as expectativas para o futuro de menores que vivem em centros de acolhimento", onde pretenderam mostrar a relação entre o apoio social, satisfação com a vida e as expectativas de futuro, e relevância que estas variáveis têm no ajustamento pessoal e social dos menores. Concretamente pretendeu, estudar a relação entre as três variáveis em adolescente que vivem em centros de acolhimento, comparativamente com grupo de crianças que vivem com a família biológica. Teve ainda como objetivos,

verificar a relação entre satisfação com a vida e perceção de apoio social da família, e pretendeu mostrar a relação entre o apoio da família e as expectativas futuro.

O instrumento utilizado foi a Escala de Satisfação com a Vida – A Satisfacction With Life Scale-(Diener, Emmons, Larsen & Griffin, 1985), adaptação para o castelhano por Atienza et al. (2000). A amostra foi composta por 200 menores, divididos em dois grupos: menores residentes em centros de acolhimento e os que viviam com a família biológica. A amostra final (N = 179) compreendeu uma faixa etária entre os 11 e os 18 anos, sendo que 50,3% eram sexo feminino e 49,7% sexo masculino, 57% viviam com as famílias, enquanto 43% eram jovens institucionalizados.

Os resultados obtidos neste estudo confirmam a ideia de que o apoio da família é uma variável intimamente ligada à satisfação e as expectativas futuras. A falta de relação encontrada entre o apoio e as expectativas futuras entre os jovens institucionalizados poderá advir, desses mesmos jovens compensarem a falta de apoio familiar com melhoria em outros domínios (amizade, lazer, saúde), o que resulta numa compensação nas suas expectativas (Abbey & Andrews, 1985). Os jovens institucionalizados revelam um nível de insatisfação maior, do que aqueles que vivem com as suas famílias, assim como uma menor autoestima.

Os resultados mostram uma correlação negativa entre a situação de institucionalização e a perceção de apoio, bem como, correlações positivas entre essa perceção e a satisfação com a vida e as expectativas de futuro. Os jovens institucionalizados recebem menos apoio e que essa perceção está relacionada com a satisfação com a vida e as expectativas que a criança faz sobre o seu futuro. Das informações obtidas, pode-se concluir a importância do desenvolvimento de redes de apoio social para melhorar a satisfação com o presente e futuro vida destes jovens (Fernández et al., 2010)

Costa (2012) elaborou um estudo sobre "Autoconceito e Autoeficácia em crianças/jovens institucionalizados", com o objetivo geral de analisar o nível de autoconceito e o nível de autoeficácia em crianças e jovens que se encontram institucionalizados, considerando os constructos que desempenham um papel significativo na formação da personalidade dos indivíduos. Pretendeu averiguar uma possível relação entre o autoconceito e a autoeficácia com a idade dos menores, assim como com o motivo de acolhimento institucional, e ainda o tempo de institucionalização.

Foram utilizados neste estudo para avaliar o autoconceito a escala "*Piers-Harris Children's Self-Concept Scale"* (PHCSCS-2) reduzida a 60 itens por Piers & Herzbergem 2002, com adaptação à população portuguesa por Feliciano Veiga em 2006; o instrumento para avaliar a autoeficácia foi a escala "*Como eu sou*", adaptada à população portuguesa por

José Luís Pais Ribeiro em 1995, a partir do "*The Self-Efficacy Scale*" de Sherer, Maddux, Mercandante, Prentice-Dunn, Jacobs e Rogers (1982).

A amostra foi caracterizada por 61 crianças e jovens do sexo masculino institucionalizados com idades compreendidas entre os 9 e os 22 anos de idade, sendo a média de idades de 15 anos. O motivo de institucionalização prendeu-se com a situação de negligência familiar (41%) ou por ser vítima de maus tratos (16,4%), enquanto os motivos menos frequentes que levaram à institucionalização foram o "abandono escolar", "persistência de integração escolar e falta de acompanhamento educativo por parte da família", "conflitos familiares e fugas de casa", "abandono por parte da progenitora" e "emigração da progenitora".

Quanto a perceção que estas crianças e jovens têm sobre si mesmo, no que diz respeito ao autoconceito e à autoeficácia, verifica-se que em média, os valores apresentados relativamente às dimensões que avaliam o autoconceito são positivos em todas elas. No que diz respeito às dimensões que avaliam a autoeficácia, os valores encontrados revelam-se também positivos, não existindo nenhum resultado que revele o valor mínimo em qualquer uma das dimensões, apresentando uma média de resultados dentro dos parâmetros esperados. Verificou-se quanto maior for a idade do individuo, maior será a sua perceção sobre si mesmo, no que diz respeito ao autoconceito e à autoeficácia.

Referente a autoestima e os constructos autoconceito e autoeficácia estão relacionados, os resultados obtidos revelaram que apenas o motivo de institucionalização "absentismo escolar" apresentou diferenças estatisticamente significativas em relação ao autoconceito, não se verificando qualquer tipo de diferenças estatisticamente significativas relativamente à autoeficácia. Estes resultados revelam que na amostra em estudo, os menores institucionalizados devido ao "absentismo escolar" percecionam-se como tendo um autoconceito inferior, em comparação com os restantes jovens que se encontram institucionalizados por outros motivos. Pode-se ainda realçar que relativamente aos diferentes fatores que constituem cada instrumento de avaliação, encontraram-se diferenças estatisticamente significativas nos fatores "aspeto comportamental" e "estatuto intelectual" (autoconceito) com o motivo de institucionalização "absentismo escolar", o que indica que as crianças e jovens que se encontram institucionalizadas devido ao absentismo escolar evidenciam uma perceção de comportamento e de estatuto intelectual inferiores quando comparadas com os restantes menores que se encontram instituição de acolhimento.

O nível de autoconceito e de autoeficácia percecionado pelos menores institucionalizados encontrava-se dentro dos parâmetros normais; verificam-se também a

existência de correlações significativas, positivas e moderadas entre ambos os constructos e a idade dos menores, assim como com o tempo de institucionalização. Relativamente aos motivos de institucionalização constatou-se que apenas o motivo absentismo escolar apresenta diferenças significativas e apenas em relação ao autoconceito.

Apesar da separação familiar a que foram sujeitos, e em algumas situações, a exposição a situações violentas das quais foram vitimas como por exemplo maus tratos físicos, um nível de autoconceito e autoeficácia dentro dos valores considerados normais.

Este estudo evidenciou que tanto a idade como o tempo de institucionalização revelaram diferenças estatisticamente significativas em ambos os constructos, o que pode explicar os níveis de autoconceito e autoeficácia evidenciados por estes menores. Revela também que os constructos apresentam uma correlação direta entre si, revelando que se os menores constituintes da amostra em estudo apresentarem elevados níveis de autoconceito o mesmo se irá verificar relativamente à autoeficácia, e se por outro lado os níveis de autoconceito forem inferiores, o mesmo resultado se observa nos níveis de autoeficácia.

Mota e Matos (2010) realizaram um estudo transversal intitulado, "Adolescentes institucionalizadas: O papel das figuras significativas na predição da assertividade, empatia e autocontrolo**"** destacando o papel desempenhado pelas ligações afetivas para além da família. O objetivo principal prendeu-se com a análise da contribuição da qualidade das ligações estabelecidas com os professores e os funcionários da escola, os funcionários da instituição, bem como dos pares para a predição de competências sociais, como a empatia, a assertividade e o autocontrolo em adolescentes institucionalizados portugueses e testar o papel mediador da qualidade da relação com os pares na predição das competências sociais.

A amostra foi composta por 109 adolescentes institucionalizados em casas de acolhimento e orfanatos, com um tempo de estadia na instituição entre um espaço de meses (menos de 1 ano) e os 15 anos (estadia na instituição em anos=6,02; *DP*=3,9); 81 eram do género feminino e 28 do género masculino, com idades compreendidas entre os 14 e os 19 anos (*M*=16,19; *DP*=1,37), e a frequentar o ensino secundário entre o 7º e o 12º ano (ano de escolaridade=9,02; *DP*=1,65).

Como instrumentos utilizados temos o Inventory of Parent and Peer Attachment – IPPA (Armsden & Greenberg, 1987; Adaptação de Ferreira & Costa, 1998), o Questionário de Ligação aos Professores e Funcionários – QLPF (Mota & Matos, 2005), o Family Environment Scale – FES (Moos & Moos, 1986, adaptado por Matos & Fontaine, 1992), que faz referência ao relacionamento familiar, assim como a Escala do sentido de comunidade para adolescentes (Zani,Cicognani, & Albanesi, 2001), relacionado com o sentido de

comunidade e a percepção de segurança face ao sítio e das pessoas onde vive, e o Social Skills Questionnaire (Gresham & Elliott, 1990; Adaptação de Mota, Lemos, & Matos, no prelo).

As autoras como principais conclusões revelam que a qualidade da ligação estabelecida com os funcionários da escola e os professores se mostra positivamente relacionada com a comunicação e confiança na relação com os pares. Por outra parte, a qualidade das ligações aos pares manifesta um efeito positivo na empatia e na assertividade sendo que estas competências pela sua associação ao estabelecimento de relações e à maior facilidade de expressão dos sentimentos, deixam adivinhar um efeito significativo na adaptação psicossocial dos jovens. A análise permitiu observar a inexistência de efeitos mediadores da qualidade da ligação aos professores e funcionários da escola para as competências sociais através da qualidade da ligação aos pares.

Concluem que a qualidade da relação estabelecida com os funcionários da instituição apresenta um efeito positivo na competência de autocontrolo, revelando que os funcionários da instituição enquanto figuras extremamente presentes na vida dos adolescentes potenciam alguma capacidade de resolução e ponderação face às diversas situações. A qualidade da relação desenvolvida com os adultos significativos potenciaria uma perceção positiva de si enquanto figura merecedora de apoio emocional. Concluísse com este estudo, que a qualidade da ligação aos funcionários da escola e aos professores prediz diretamente a qualidade da ligação desenvolvida com os pares e um efeito indireto no desenvolvimento das competências de empatia e assertividade.

Serra (2013), realizou um estudo sobre "Qualidade da relação entre irmãos e outras figuras Significativas em adolescentes institucionalizados: Desenvolvimento de psicopatologia e comportamentos desviantes". O objetivo consistiu na análise da qualidade da ligação aos irmãos e outras figuras significativas enquanto fator protetor face ao desenvolvimento de psicopatologia e de comportamentos desviantes num contexto de diferentes configurações familiares (famílias intactas e institucionalização).

A amostra foi constituída por 449 adolescentes, sendo que 247 provinham de famílias intactas e 202 encontram-se institucionalizados, com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos. Os instrumentos utilizados foram Sibling Relationship Questionnaire (Furman & Buhrmester, 1985; adaptação de Mota, Fernandes & Serra, 2011), o Questionário de Ligação a Professores e Funcionários (Mota & Matos, 2005), o Brief Symptom Inventory (Derogatis, 1982; adaptação de Canavarro, 1999) e a Escala de Comportamentos Desviantes (Gouveia-Pereira & Carita, 2005; adaptação de Sanches, 2007).

Salientam-se entre os resultados as correlações entre as dimensões da qualidade de ligação aos professores, funcionários e as dimensões qualidade de ligação aos irmãos verifica-se que todas se apresentam positivas e com significância estatística, o que seria expectável. Estes resultados indicam que uma ligação positiva com os irmãos tende a potenciar relações positivas com outras figuras significativas, como professores e funcionários da escola ou da instituição. Deste modo, os jovens que se relacionam de forma positiva com os irmãos parecem apresentar maior disponibilidade e abertura para a construção de novas relações afetivas, que proporcionem apoio e proteção, operando como uma base segura para o seu desenvolvimento emocional e social. Deste modo, as autoras percecionam que estas relações, orientam os comportamentos e a construção de relações interpessoais dos jovens, dependendo da qualidade das interações, que quando positivas tendem a favorecer o estabelecimento de outras relações satisfatórias.

Parte II – Contribuição Pessoal

1. Materiais e Métodos

O processo de produção de conhecimentos, dá-se à medida que se recolhem, analisam e se discutem os dados (Bogdan & Biklen, 1994; Serrano, 2004).

Do presente capítulo faz parte a apresentação do tipo de estudo no primeiro subcapítulo (1.1), seguido da apresentação dos objetivos da investigação (subcapítulo 1.2), assim como das questões de investigação que provêm dos objetivos apresentados (subcapítulo 1.3). A definição das hipóteses, a sua análise e tipologia encontram-se descritos no subcapítulo (1.4). É descrita ainda a população e amostra do estudo (1.5), a descrição dos instrumentos da colheita de dados (1.6), incluindo os itens e as variáveis. No subcapítulo (1.7) serão descritos os procedimentos formais e éticos tidos em consideração no decorrer a investigação. A caracterização da tipologia de análise estatística aplicada à investigação, encontra-se descrita no subcapítulo (1.8).

1.1 Tipo de Estudo

Segundo Fortin (2009), o método de investigação quantitativo é um processo sistemático de colheita de dados observáveis e quantificáveis.

Neste estudo optou-se pela realização de uma pesquisa de natureza quantitativa, correlacional e transversal. Quantitativa, pois, tal como Fortin (2009) refere, utiliza dados

numéricos para obter informações, descrever e testar relações. Ainda segundo a mesma autora, este estudo é correlacional, uma vez que visa explorar e determinar a existência de relações entre as variáveis, com vista à sua descrição. Por último, esta investigação é de natureza transversal quanto ao tempo em que decorre o estudo, já que os questionários foram aplicados num período pré-definido, relativo ao momento presente.

1.2 Objetivos de Investigação

O objetivo de um estudo indica o porquê da investigação. É um enunciado declarativo que precisa a orientação da investigação segundo o nível dos conhecimentos estabelecidos no domínio em questão (Fortin, 2009). Os objetivos desta investigação são os seguintes:

1. Conhecer as características sociodemográficas dos jovens institucionalizados no Lar de São Martinho, na Casa da Crianças de Santo António e Lar "O Girassol".
2. Conhecer as características relativas ao processo de institucionalização dos jovens institucionalizados no Lar de São Martinho, na Casa da Crianças de Santo António e Lar "O Girassol".
3. Conhecer as figuras significativas dos jovens institucionalizados no Lar de São Martinho, na Casa da Crianças de Santo António e Lar "O Girassol".
4. Analisar a relação existente entre algumas características sociodemográficas (Idade e Género) e a autoestima dos jovens institucionalizados no Lar de São Martinho, na Casa da Crianças de Santo António e Lar "O Girassol".
5. Analisar a relação existente entre algumas características relativas ao processo de institucionalização (Motivo de Institucionalização e Tempo de Permanecia na Instituição) e a autoestima dos jovens institucionalizados no Lar de São Martinho, na Casa da Crianças de Santo António e Lar "O Girassol".
6. Conhecer as expectativas futuras dos jovens institucionalizados no Lar de São Martinho, na Casa da Crianças de Santo António e Lar "O Girassol".

1.3 Questões de Investigação

Segundo Fortin, (2009) uma questão de investigação é uma interrogação explícita relativa a um domínio que se deve explorar com vista a obter novas informações.

Este estudo tem as seguintes questões de investigação:

1.Quais são as características sociodemográficas dos jovens institucionalizados no Lar de São Martinho, na Casa da Crianças de Santo António e Lar "O Girassol"?

2. Quais são as características relativas ao processo de institucionalização dos jovens institucionalizados no Lar de São Martinho, na Casa da Crianças de Santo António e Lar "O Girassol"?

3.Quais são as figuras significativas dos jovens institucionalizados no Lar de São Martinho, na Casa da Crianças de Santo António e Lar "O Girassol"?

4.Qual é a relação existente entre algumas características sociodemográficas (Idade e Género) e a autoestima dos jovens institucionalizados Lar de São Martinho, na Casa da Crianças de Santo António e Lar "O Girassol"?

5.Qual é a relação existente entre algumas características relativas ao processo de institucionalização (Motivo de Institucionalização e Tempo de Permanecia na Instituição) e autoestima dos jovens institucionalizados Lar de São Martinho, na Casa da Crianças de Santo António e Lar "O Girassol"?

6.Quais são as expectativas futuras dos jovens institucionalizados Lar de São Martinho, na Casa da Crianças de Santo António e Lar "O Girassol" face à institucionalização?

1.4 Hipóteses

Nesta investigação foram formuladas as seguintes hipóteses de investigação:

H1 – Existem diferenças estatisticamente significativas entre algumas características sociodemográficas (Idade e Género) e a autoestima dos jovens institucionalizados Lar de São Martinho, na Casa da Crianças de Santo António e Lar "O Girassol".

H2 – Existem diferenças estatisticamente significativas entre algumas características relativas ao processo de institucionalização (Motivo de Institucionalização e Tempo de Permanecia na Instituição) e a autoestima dos jovens institucionalizados no Lar de São Martinho, na Casa da Crianças de Santo António e Lar "O Girassol".

1.5 População e Amostra

Entende-se por população "conjunto de todos os sujeitos ou outros elemento de um grupo bem definido tendo em comum uma ou varias características semelhantes e sobre o qual assenta a investigação"(Fortin, 2009).

A amostra, para a mesma autora é definida como o conjunto de sujeitos retirados de uma população (Fortin, 2009). Para este estudo a amostra é constituída por todos jovens institucionalizados Lar de São Martinho, na Casa da Crianças de Santo António e Lar "O Girassol"com idades compreendidas entre os 11 e os 18 anos que após autorização das instituições acima mencionadas, aceitem participar livremente na investigação.

1.6. Instrumentos de Colheita de dados

De acordo com Fortin (2009), o processo de colheita de dados consiste em colher de uma forma sistemática a informação desejada junto dos participantes. A recolha de dados junto da população constitui uma etapa fundamental para a realização de qualquer trabalho de investigação, para tal, torna-se necessário a elaboração de um instrumento de colheita de dados que vai de encontro aos objetivos traçados. Desta forma os instrumentos utilizados nesta investigação foram (AnexoI):

- **Questionário Sociodemográfico**

Este questionário encontra-se dividido em duas partes. A parte inicial é direcionado à Diretora Técnica dos Lares em questão, onde serão identificadas as instituições, os motivos da institucionalização dos menores, algumas características da família de origem, os projectos de vida dessa instituição para os jovens institucionalizados e como se processa a vivencia após a saída da instituição. A segunda parte está direcionada aos jovens institucionalizados, onde é identificado o género, a idade, o motivo da institucionalização, como se processa a vivencia com os colegas, técnicos e funcionários, a relação existente com a família de origem, se frequentam a escola e em que ano, se já reprovou e em que ano e quantas vezes. Será feita no final do questionário uma questão de resposta aberta, que pretende analisar o que gostariam os jovens de fazer quando saíssem da instituição e que pessoa (as) gostariam de ver envolvidas nesta fase.

- **Inventário de Auto-Estima de Coopersmith**

A forma escolar do *SEI* é composta por quatro subescalas que avaliam diferentes aspetos da auto-estima: a subescala *«Social Self-Peers»,* com o objetivo de avaliar a auto-estima social, a *«General Self»* que pretende estimar a auto-estima geral, a *«Home-Parents Self»* com o objectivo de avaliar a auto-estima familiar e, finalmente, a *«School Academic»* para a avaliação da auto-estima escolar. Com exceção da subescala *«General Self»* que inclui 26 itens, as restantes três subescalas são compostas, cada uma delas, por oito itens.

A cotação do Inventário possibilita resultados para cada uma destas subescalas, para além, de um resultado compósito total de auto-estima (correspondente ao somatório simples dos resultados das quatro subescalas). Resultados altos nestas subescalas são interpretados como auto-estima elevada. Com o objetivo de estimar respostas muito socializadas, o

Inventário conta, ainda, com uma escala de Insinceridade ou «*Lie Scale*» constituída por oito itens.

No manual americano do Inventário encontram-se referenciados diversos estudos sobre as características psicométricas do *SEI*, nomeadamente sobre a sua validade e precisão. Os resultados de precisão do *SEI* são em geral bons, variando, de acordo com os estudos, entre 0.80 e 0.92. Segundo Coopersmith (1981) os estudos sobre a estrutura fatorial do *Self-Esteem Inventory* têm demonstrado a multidimensionalidade da auto-estima que está subjacente à construção do Inventário. Por exemplo, o estudo conduzido por Kokanes (citado em Coopersmith, 1981) encontrou quatro pares de fatores bipolares no *SEI*, sendo cada um destes factores identificável com as quatro subescalas do inventário. O primeiro fator, designado por escolar, agrupou num dos pólos os itens relacionados com o sucesso em termos académicos e noutro pólo os itens relacionados com fracasso escolar; o segundo fator, designado por social, agrupou itens relacionados com o sucesso e com o fracasso em termos de aceitação social, o factor familiar juntou os itens associados ao bom relacionamento familiar num dos pólos e os itens associados ao fraco relacionamento social noutro pólo, finalmente o factor geral juntou num dos pólos os itens que in num dos pólos os itens que indicam uma percepção de adequação do *self* e no outro pólo os itens que sugerem uma perceção de inadequação do *self* e rejeição do *self*.

Adaptação Portuguesa do Inventário de Auto-Estima

A adaptação para português, autorizada pela «*Consulting Psychologists Press*», segue de perto toda a estrutura da versão americana. O inventário, designado na versão portuguesa de *Inventário de Auto-Estima de Coopersmith*, é igualmente composto por 58 itens agrupados em quatro subescalas de auto-estima: Auto-estima Familiar (oito itens), Auto-estima Social (oito itens), Auto-estima Escolar (oito itens) e Auto-estima Geral (vinte e seis itens) e uma subescala de Insinceridade (oito itens).

Tal como na versão americana todos os itens assumem o formato de uma afirmação proferida na primeira pessoa. Exemplos dessas frases são «Sou uma pessoa divertida», «Os meus pais compreendem-me» ou «Frequentemente desejo ser outra pessoa». Para responder ao Inventário de Auto-estima o respondente tem de dizer se identifica ou não com a frase proposta, escolhendo na folha de respostas uma das duas colunas existentes: *«Parecido comigo»* ou *«Diferente de mim»*.

As correlações entre as quatro escalas de autoestima (tabela 1) foram, em geral, elevadas, situando-se a mediana das intercorrelações em r= 0.33. Entre subescalas, destacam-se os índices de correlação elevados registados entre a subescala geral e as outras três

subescalas de autoestima. Em contrapartida, entre a subescala social e a subescala familiar registaram-se os valores de correlação mais baixos (r=0.21).

Tabela 1:Inventário de Autoestima (SEI): Matriz de correlações entre subescalas

Matriz de Correlações – Grupo Total (N=620)							
Subescalas	**Familiar**	**Social**	**Escolar**	**Geral**	**Total**	**Insic.**	**Coeficientes Alfa**
Familiar	-						0.69
Social	**0.21**	-					0.51
Escolar	**0.27**	**0.27**	-				0.62
Geral	**0.39**	**0.44**	**0.42**	-			0.74
Total *	**0.41**	**0.43**	**0.44**	**0.58**	-		0.83
Insinceridade	0.00	0.10	0.13	0.19	0.18	-	-

A negrito correlações superiores a 0.20; p≤0.01

A análise dos coeficientes de precisão mostra resultados adequados para a generalidade das subescalas. A escala compósita Total apresenta um coeficiente de precisão de α=0.83, valor considerado bom e semelhante ao valor de α =0.82 encontrado num estudo prévio realizado com a mesma versão do Inventário de Auto-Estima (Janeiro, 1997).

A subescala geral (subescala de maior dimensão, composta por 26 itens) registou um coeficiente de α=0.74 para o conjunto total de participantes. Das subescalas compostas por oito itens, a subescala familiar é a subescala que revela índices de precisão mais elevados com um coeficiente de α=0.69 no conjunto dos dois anos de escolaridade. A subescala escolar registou um coeficiente de precisão, igualmente satisfatório (α=0.62); já a subescala social apresenta valores de precisão mais modestos, registando, para o conjunto total de participantes, um coeficiente de apenas α=0.51.

Em termos gerais, a adaptação portuguesa do *SEI* revelou características psicométricas adequadas. Com efeito, o coeficiente de precisão obtido para o conjunto das escalas de autoestima (α=0.83) é equivalente aos índices obtidos com a versão americana deste instrumento (Coopersmith, 1981) e é indicativo de um bom nível de precisão do *Inventário de Auto-Estima* em termos globais.

A análise por subescalas identificou três subescalas com índices de precisão considerados satisfatórios, a subescala geral, escolar e familiar e uma subescala, a subescala social, com índices de precisão menos satisfatórios. Estes resultados confirmam os níveis de precisão obtidos num estudo prévio realizado com o *SEI* (Janeiro, 1997; Janeiro & Marques, 1999), revelando estabilidade psicométrica desta versão do *SEI*.

- **Questionário de Ligação a Figuras Significativas - *QLFS* (Mota & Matos, 2005)**

É um questionário de autorrelato, construído no sentido de colmatar as dificuldades em encontrar um instrumento capaz de avaliar a qualidade das ligações a figuras adultas

afetivamente significativas para além dos pais. Este questionário torna-se especialmente relevante para os adolescentes institucionalizados já que permite uma maior abertura para a análise de figuras significativas fora do contexto familiar.

Está elaborado originalmente para uso com adolescentes, pretendendo-se que haja uma escolha de 3 adultos que não a figura parental, como figuras de eleição enquanto apoio na sua vida. Para cada uma das três pessoas torna-se importante saber em que circunstâncias ocorreu este conhecimento, qual o tipo de ligação e há quanto tempo, na medida em que para além da qualidade da relação importa perceber qual o grau de durabilidade ou qual a facilidade e /ou recetividade do jovem para estabelecer ligações afetivamente significativas. Para cada uma destas figuras existem 16 itens ao longo dos quais se avalia a qualidade das ligações afetivas mediante uma escala de tipo *Likert* de quatro pontos desde "É poucas vezes assim" até "É sempre assim". Os itens não estão subdivididos em dimensões, pelo que todos pretendem convergir para conceitos como a confiança, valorização, segurança e aceitação incondicional, constructos relacionados com a criação de uma base segura.

Foram realizadas análises às características psicométricas do instrumento; a consistência interna foi analisada mediante o coeficiente *alfa de Cronbach*, obtendo-se valores para cada um dos três adultos escolhidos: 0.88, 0.90 e 0.89, respetivamente para a pessoa A, B, e C.

As autoras realizaram análises fatoriais exploratórias com 2, 3 e 4 componentes no sentido de testar a organização dos itens numa perspetiva semântica, tentando constituir os itens em dimensões no domínio da vinculação.

Os resultados evidenciaram que para as três figuras significativas (A, B e C), a organização em quatro componentes principais torna-se de todo desadequada, fragmentando o valor semântico dos itens do instrumento, para além de diminuir consideravelmente a consistência interna. Assim, muito embora a variância explicada de 58% aponte para três componentes, os itens tendem a agrupar-se fundamentalmente em duas componentes, onde foi usado um critério de 45 para considerar os itens, a saber, componente 1 (item 1, 2, 3, 4, 5, 6,7, 8, 9, 10, 11, 13, 14 e 15), apresentando uma consistência interna de 0.893 (*alfa de Cronbach*) e a componente 2 (item 12 e 16), com uma consistência interna de 0.646 (*alfa de Cronbach*).

Ainda no sentido de suportar esta estrutura, Mota & Matos, 2005, constataram que as correlações realizadas com três componentes apresentam uma correlação na ordem de.70 entre as componentes 1 e 2. Este facto levanta algumas questões referentes à organização dos itens, já que quando analisados sob o ponto de vista semântico nos levam a considerar uma estrutura unidimensional, não fazendo sentido retirar os itens 12 e 16 (segunda componente).

Neste sentido, os autores optam por considerar uma estrutura unidimensional, posteriormente apoiada pela Análise Fatorial Confirmatória onde os principais índices de ajustamento são satisfatórios para o que seria esperado, sendo que os índices GFI, AGFI e CFI se encontram acima de 0.90 e o RMR e RMSEA revelam valores abaixo de 0.080, concluindo-se que o QLFS revela um ajustamento ao modelo teórico proposto numa estrutura unidimensional para cada uma das figuras significativas (A, B e C), onde os principais índices de ajustamento são satisfatórios para o que seria esperado, sendo que os índices GFI, AGFI e CFI se encontram acima de 0.90 e o RMR e RMSEA revelam valores abaixo de 0.080, concluindo-se que o QLFS revela um ajustamento ao modelo teórico proposto numa estrutura unidimensional para cada uma das figuras significativas (A, B e C).

1.7 Procedimentos formais e éticos

Em qualquer investigação que envolva o ser humano a ética e deontologia devem ser rigorosas e respeitadas. Deve ser avaliada sob o ponto de vista ético, ainda mais se tem como objeto de estudo a aprendizagem e o comportamento dos mesmos, que muitas vezes são ainda crianças, visto poder dificultar, prejudicar, perturbar, tornar-se enganoso ou afetar negativamente a vidados que nela participam (Tuckman, 2000). Cabe o investigador assegurar que a sua pesquisa não seja mais intrusiva do que o necessário e que a privacidade dos participantes seja preservada ao longo do estudo. Para além do direito ao anonimato, prezou-se, durante a investigação, respeitar também o direito à autodeterminação e à revelação total.

A confidencialidade dos dados e da identidade dos participantes estará sempre presente ao longo da investigação e na apresentação dos resultados obtidos.

Os participantes apenas cooperarão no estudo se assim o entenderem e poderão abandoná-lo a qualquer momento, sem quaisquer prejuízos em relação ao seu correto tratamento.

Para a utilização dos instrumentos, nomeadamente Inventário de Auto-Estima Coopersmith e QLFS, foi solicitado através de correio eletrónico às respetivas autoras, autorização para a utilização das mesmas (Anexo II).

Para a recolha de dado foi enviado um pedido de autorização (Anexo III) endereçada ao Diretor dos Lares de São Martinho, Casa da Criança de Santo António e Lar "O Girassol" com os objetivos de estudo e com identificação dos instrumentos utilizados.

No que concerne aos instrumentos foi colocado um código, que permite à investigadora a correspondência entre alguns dados sociodemográficos fornecidos pelos

técnicos das respetivas instituições e as respostas dos jovens institucionalizados, sendo no entanto garantida pela investigadora a total confidencialidade e anonimato das respostas dadas. A colheita de dados foi realizada entre os meses de Abril e Maio de 2013.

1.8 Análise estatística

Para sistematizar as informações recolhidas, foi utilizada a estatística descritiva, mais concretamente as frequências absolutas (nº), as frequências relativas (%), médias ($\bar{X}$), modas (Mo), medianas (Md), Desvio Padrão (σ), Valor Mínimo (Xmin.) e Valor Máximo (Xmáx.), tendo em conta os dados em análise.

Para analisar os resultados das hipóteses em análise recorreu-se ao teste da normalidade da variável dependente, a autoestima, e das variáveis independentes, idade e tempo de institucionalização. A variável autoestima e idade apresentaram uma distribuição normal (p>0,05), determinado o uso de testes estatísticos paramétricos, sendo que a variável tempo de institucionalização, apresentou uma distribuição não normal (p≤0,005) determinando o uso de testes estatísticos não paramétricos (tabela 2).

Tabela 2: Teste de Normalidade de Shapiro-Wilk

	Shapiro-Wilk		
	Statistic	**Df**	**Sig.**
Inventário de Auto-Estima de Coopersmith	0.960	41	0.151
Idade	0.959	41	0.142
Tempo de Institucionalização	0.792	41	0.001

2. Apresentação e Análise de Resultados

Neste capítulo serão apresentados os resultados obtidos através da análise estatística dos dados recolhidos, bem como uma análise dos mesmos.

2.1 Analise Descritiva

Neste subcapítulo, iniciaremos a apresentação e análise dos resultados do **questionário sociodemográfico dos jovens institucionalizados**, e neste observamos que 27% (n=11) se encontram na Casa da Criança de Santo António, 39% (n=16) no Lar de São Martinho e 34% (n=14) no Lar "O Girassol" (tabela 3).

Tabela 3: Distribuição da amostra face as Instituições participantes no estudo

Instituição	nº	%
Casa da Criança de Sto. António	11	27
Lar São Martinho	16	39
Lar O Girassol	14	34,1
Total	41	100,0

Verifica-se, pelos dados apresentados na tabela 4, que a distribuição por sexo feminino das adolescentes pelas instituições participantes é homogénea, 9,8% (n=4).

Tabela 4: Distribuição da amostra face à distribuição por sexo feminino

Instituição	nº	%
Casa da Criança de Sto. António	4	9,8
Lar São Martinho	4	9,8
Lar O Girassol	4	9,8
Total	12	29,3

Verifica-se pelos dados apresentados na tabela 5, que referente à distribuição por sexo masculino pelas instituições participantes que 17,1% (n=7), pertencem a Casa da Criança de Santo António, 29,3% (n=12), pertencem ao Lar de São Martinho e 24,4% (n=10), pertencem ao Lar "O Girassol".

Tabela 5: Distribuição da amostra face à distribuição por sexo masculino

Instituição	nº	%
Casa da Criança de Sto. António	7	17,1
Lar São Martinho	12	29,3
Lar O Girassol	10	24,4
Total	29	70,7

Na tabela 6, podemos observar que a maior parte dos inquiridos são do género masculino, com 70,7% (n=29) do total da amostra.

Tabela 6: Distribuição da amostra face a dados sociodemográficos (sexo dos jovens)

Sexo dos Jovens	nº	%
Masculino	29	70,7
Feminino	12	29,3
Total	41	100,0

Pela análise da tabela 7, verifica-se que as problemáticas associadas aos menores que levaram à institucionalização são Negligência; Abandono Escolar; Absentismo escolar; Maus Tratos Físicos/Psicológicos; Exposição a Modelos de Comportamento Desviante; Consumo de drogas e Outras situações de perigo.

Tabela 7: Distribuição das problemáticas dos menores por Instituição

Problemáticas dos menores	Instituição
Negligência; Abandono Escolar; Maus Tratos Físicos/Psicológicos; Problemas de Saúde; Outras situações de perigo	Casa de Criança de Santo António
Negligência; Abandono Escolar; Absentismo escolar; Maus Tratos Físicos/Psicológicos; Exposição a Modelos Comportamento Desviante; Consumo de drogas; Outras situações de perigo	Lar de São Martinho
Abandono; Negligência; Maus Tratos Físicos/Psicológicos; Exposição a modelos comportamento desviante; Problemas de Saúde	Lar "O Girassol"
Total	

Pela análise da tabela 8, verifica-se que as problemáticas junto das famílias dos jovens institucionalizados são Toxicodependência; Alcoolismo; Detenção dos progenitores; Deficiências Mentais; Morte dos progenitores; Violência Familiar; Perturbação da personalidade; Défice económico e Prostituição.

Tabela 8: Distribuição das problemáticas das famílias dos jovens Institucionalizados

Problemáticas das famílias s	Instituição
Alcoolismo; Detenção dos Progenitores; Deficiências Mentais; Violência Familiar; Perturbação da Personalidade; Défice económico	Casa de Criança de Santo António
Toxicodependência; Alcoolismo; Deficiências Mentais; Violência Familiar; Défice económico; Prostituição	Lar de São Martinho
Deficiências Mentais; Morte dos Progenitores; Violência Familiar; Perturbação da Personalidade; Défice económico; Prostituição	Lar "O Girassol"
Total	

Através da análise da tabela 9, constatamos que os projectos de vida existentes passam por, Formação escolar; Formação Superior; Formação Profissional; Inserção no mercado de trabalho e reintegração familiar.

Tabela 9: Distribuição dos Projetos de Vida pelas Instituições

Instituição	Casa da Criança de Santo António	Lar São Martinho°	Lar "O Girassol"
Formação escolar; Formação Profissional; Inserção no mercado de trabalho	1	0	0
Formação escolar; Ensino Superior, Formação Profissional; Inserção no mercado de trabalho		1	
Formação escolar; Formação Superior; Formação Profissional; Inserção no mercado de trabalho; Reintegração familiar			1

Analisando a tabela 10, verificamos que os motivos que levam os jovens a manter contacto com a instituição são: Irmãos na Instituição. Amigos Instituição. Relação próxima com técnicos e funcionários; Relação próxima com o Diretor da Instituição.

Tabela 10 - Distribuição da amostra face a manutenção do contacto com a Instituição

Manutenção contacto com a instituição	Instituição
Relação proximidade com os técnicos e funcionários	Casa da Criança de Sto. António
Irmão na Instituição; Amigos na Instituição; Relação de proximidade com os técnicos e funcionários	Lar de São Martinho
Irmãos na Inst. Amigos Inst. Relação próxima com técnicos e funcionários; Relação próxima com o Director da Instituição	Lar "O Girassol"

Relativamente ao motivo da institucionalização, foi referido por 58,5% (n=24) dos inquiridos ter sido devido a abandono, negligência e violência familiar. Cerca de 14,6% (n=6) salientou comportamentos de risco como fator de institucionalização. 9,8% (n=4), refere o défice económico e morte do progenitor (tabela 11).

Tabela 11: Distribuição da amostra face a dados dos motivos da institucionalização

Motivo da Institucionalização	nº	%
Abandono, negligência e violência familiar	24	58,5
Comportamento de risco do jovem	6	14,6
Défice económico	4	9,8
Morte ou detenção do progenitor	4	9,8
Refugiados	2	4,9
Não Respondeu	1	2,4
Total	41	100,0

Foi questionado se os jovens já tinham vivido em outra instituição, tendo 65,9% (n=27) referido que não, tal como se poderá observar na tabela 12. Podemos verificar igualmente que 90,2% (n=37) relaciona-se bem com os colegas da instituição.

Tabela 12: Distribuição da amostra face a dados da Situação Institucional

Viveu em outra instituição	nº	%
Não	27	65,9%
Sim	14	34,1
Total	41	100%
Relaciona-se bem com os colegas da instituição	**nº**	**%**
Não	4	9,8
Sim	37	90,2
Total	41	100,0

Conclui-se através da tabela 13 que a quase totalidade dos jovens inquiridos, 87,8%, (n=36), partilha momentos de lazer com os colegas da instituição. Observa-se igualmente que, 87,8% (n=36) dos jovens inquiridos procuram ajuda dos técnicos ou dos funcionários da instituição quando têm algum problema.

Tabela 13: Distribuição da amostra face a dados da Situação Institucional

Momentos de lazer com os colegas da Instituição	nº	%
Não	5	12,2
Sim	36	87,8
Total	41	100,0
Ajuda dos técnicos ou dos funcionários da instituição quando tem algum problema	**nº**	**%**
Não	5	12,2
Sim	36	87,8
Total	41	100,0

Na tabela 14, podemos verificar que 53,7% (n=22) dos jovens inquiridos tem pelo menos um irmão na instituição. Cerca de 92,7% (n=38) afirmaram que têm contacto com pessoas da família e 90,2% (n=37) gostariam de ter mais contacto com essa pessoa de família.

Tabela 14: Distribuição da amostra face a dados relativos à identificação familiar

Irmão na instituição	nº	%
Não	17	41,5
Sim	22	53,7
Não Respondeu	2	4,9
Total	41	100,0
Contacto com pessoas da família	**nº**	**%**
Não	3	7,3
Sim	38	92,7
Total	41	100,0
Gostaria de ter mais contacto com essa pessoa	**nº**	**%**
Não	4	9,8
Sim	37	90,2
Total	41	100,0

Face à idade dos jovens institucionalizados, verifica-se que temos uma média de 15,97 anos de idade (Mo=15,00; σ=2,80), com um valor mínimo (Xmin.) 11 anos de idade e um valor máximo (Xmax.) de 22 anos de idade (tabela 15).

Constatamos que o tempo médio de permanência na instituição atual é de 4,97 anos (Mo=1,00; σ=4,67), sendo o valor mínimo (Xmin.) de 1 ano e o tempo máximo (Xmax.) de permanência na instituição atual de 17 anos (tabela 15).

Em relação ao tempo de permanência em outra instituição, para além da atual, verifica-se pela análise da tabela 21, que a média de anos é de 4,35 (Mo=1,00; σ=4,43), sendo o valor mínimo (Xmin.) de 1 ano e o tempo máximo (Xmax.) de permanência numa instituição de 15 anos (tabela 15).

Tabela 15: Caracterização da amostra face à idade e tempo de institucionalização

Idade dos Jovens	Média ($\bar{X}$)	Mediana (Md)	Moda (Mo)	Desvio Padrão (σ)	Valor Mínimo ($X_{mín.}$)	Valor Máximo ($X_{máx.}$)	**N**
	15,97	16,00	15,00	2,80	11,00	22,00	41
Tempo que vive na instituição	Média ($\bar{X}$)	Mediana (Md)	Moda (Mo)	Desvio Padrão (σ)	Valor Mínimo ($X_{mín.}$)	Valor Máximo ($X_{máx.}$)	**N**
	4,97	3,00	1,00	4,67	1,00	17,00	41
Tempo que viveu na instituição	Média ($\bar{X}$)	Mediana (Md)	Moda (Mo)	Desvio Padrão (σ)	Valor Mínimo ($X_{mín.}$)	Valor Máximo ($X_{máx.}$)	**N**
	4,35	2,00	1,00	4,43	1,00	15,00	14

Face ao número de irmãos, constata-se uma média de 1,09 (Mo=1,00; σ=0,29), com um valor mínimo (Xmin.) 1 irmão e um valor máximo (Xmax.) de 2 irmãos (tabela 16). Quanto à idade dos irmãos a média é de15,76 anos (Mo=17,00; σ=3,03), com um valor mínimo (Xmin.) 10 anos de idade e um valor máximo (Xmax.) de 22 anos de idade (tabela 16).

Tabela 16: Caracterização da amostra face ao número e idade dos irmãos

Irmão na instituições	Média ($\bar{X}$)	Mediana (Md)	Moda (Mo)	Desvio Padrão (σ)	Valor Mínimo ($X_{mín.}$)	Valor Máximo ($X_{máx.}$)	Não Respondeu	**N**
	1,09	1,00	1,00	0,29	1,00	2,00	19	22
Idade dos Irmãos	Média ($\bar{X}$)	Mediana (Md)	Moda (Mo)	Desvio Padrão (σ)	Valor Mínimo ($X_{mín.}$)	Valor Máximo ($X_{máx.}$)	Não Respondeu	**N**
	15,76	17,00	17,00	3,03	10,00	22,00	20	21

Na tabela 17, verificamos que 43,9 % (n=18) dos jovens frequentam o 8º e o 9º ano. Cerca de 14,6% (n=6) frequentam o 7º ano. Quando se questionou se os jovens já tinham reprovado, a resposta foi afirmativa em 68,3% (n=28) dos casos. Verificamos ainda que 75,6% (n=31) dos jovens inquiridos afirmaram pretenderem continuar a estudar após a saída da instituição.

Tabela 17: Distribuição da amostra face a dados relativos à Escolaridade

Ano de Escolaridade	nº	%
5ºano	1	2,4
6ºano	5	12,2
7ºano	6	14,6
8ºano	8	18,5
9ºano	10	24,5
10ºano	4	9,8
11ºano	1	2,4
12ºano	3	7,3
1ºano universidade	2	4,9
3ºano universidade	1	2,4
Total	41	100,0
Reprovou algum ano	**nº**	**%**
Não	13	31,7
Sim	28	68,3
Total	41	100,0
Pretende continuar a estudar depois de sair da instituição	**nº**	**%**
Não	10	24,4
Sim	31	75,6
Total	41	100,0

Constatamos que o número de reprovações é de 1,83 anos (Mo=2,00; σ=0,74), sendo o valor mínimo (Xmin.) de 1 reprovação e o valor máximo (Xmax.) de reprovações de 3 (tabela 18).

Tabela 18: Caracterização da amostra face ao número de reprovações

Reprovações	Média ($\bar{X}$)	Mediana (Md)	Moda (Mo)	Desvio Padrão (σ)	Valor Mínimo ($X_{mín.}$)	Valor Máximo ($X_{máx.}$)	Não Respondeu	**N**
	1,83	2,00	2,00	0,74	1,00	3,00	11	30

Relativamente à profissão para o futuro, foi mencionado por 19,5% (n=8) que gostariam de ser jogadores de futebol, seguidos por 7,3% (n=3) que gostariam de ser cozinheiros ou mecânicos. Outras profissões também referidas, cabeleireiro, diplomata, auxiliar de educador de infância e bombeiro, como se poderá observar na tabela 19.

Tabela 19: Distribuição da amostra face à Profissão que gostariam de ter no futuro

Profissão para o futuro	nº	%
Jogador de Futebol	8	19,5
Professor de Educação Física	1	2,4
Organizações Internacionais	1	2,4
Informático	1	2,4
Cozinheiro(a)	3	7,3
Pintor de automóveis	1	2,4
Cabeleireiro(a)	2	4,9
Mecânico	3	7,3
Diplomata	2	4,9
Médico(a)	1	2,4
Solicitador(a)	1	2,4
Professora de Geografia	1	2,4
Auxiliar de educador de infância	2	4,9
Bombeiro	2	4,9
Enólogo	1	2,4
Policia	1	2,4
Veterinário	1	2,4
Cantor	1	2,4
Astrônomo	1	2,4
Eletricista	1	2,4
Esteticista	1	2,4
Empregada de mesa	1	2,4
Não sabe	4	9,8
Total	41	100,0

Quanto à pessoa que os jovens gostariam de ver envolvida no projeto futuro, foi referido por 34,1% (n=14) que não necessitavam de pessoas no projeto. Cerca de 12,2% (n=5) preferia ter uma pessoa da família biológica., 4,9% (n=2), refere a Mãe, irmãos e os colegas da instituição (tabela 20).

Tabela 20: Distribuição da amostra face à Pessoa que gostariam de ver envolvidas no Projeto Futuro

Pessoa envolvida no projeto de futuro	nº	%
Ninguém	14	34,1
Namorada	1	2,4
Amigos da Banda	1	2,4
Irmão	1	2,4
Família da Instituição	1	2,4
Amigos; Técnico da Instituição; Funcionária da Instituição	1	2,4
Mãe e família da instituição	1	2,4
Família biológica	5	12,2
Família e Amigos da instituição	1	2,4
Mãe	2	4,9
Funcionária do Lar	1	2,4
Professor da Escola	1	2,4
Professor da Instituição	1	2,4
Monitor APCC	1	2,4
Pai e amigos da instituição	1	2,4
Pai e Tios	1	2,4
Irmãos	2	4,9
Irmão; Pai; Amigos da instituição	1	2,4
Pai; Irmãos	1	2,4
Pais; Tios	1	2,4
Colegas da Instituição	2	4,9
Total	41	100,0

As tabelas 21, 22 e 23, registam as distribuições da amostra face a pessoas adultas importantes na vida dos jovens – Pessoa A, B e C. Pela observação da tabela 20, verificamos que dos inquiridos como pessoa significativa A com 14,6% (n=6), dão preferência ao professor da instituição, seguido de tio e funcionária da instituição com 12,2 (n=5) e amigos com 9,8% (n=4).

Tabela 21: Distribuição da amostra face às pessoas adultas (Pessoa A) importantes na vida dos jovens

Relação A	nº	%
Avô	2	4,9
Avó	2	4,9
Madrinha	2	4,9
Mãe adotiva (última que teve antes de regressar instituição)	1	2,4
Tio	5	12,2
Tia	3	7,3
Irmão	2	4,9
Irmã	2	4,9
Técnico da Instituição A	3	7,3
Professor da Instituição A	6	14,6
Professor da Escola	2	4,9
Monitor da Instituição A	1	2,4
Funcionária da Instituição A	5	12,2
Amigo	4	9,8
Não Respondeu	1	2,4
Total	41	100,0

Pela observação da tabela 22, verificamos que os inquiridos como pessoa significativa B referem com 12,2% (n=5), à tia, o técnico da instituição e ao monitor da instituição, seguido com 9,8% (n=4) o professor da instituição, a funcionária da instituição e os amigos.

Tabela 22: Distribuição da amostra face às pessoas adultas (Pessoa B) importantes na vida dos jovens

Relação B	nº	%
Avô	1	2,4
Avó	2	4,9
Madrinha	2	4,9
Tia	5	12,2
Irmão	1	2,4
Técnico da Instituição B	5	12,2
Professor da Instituição B	4	9,8
Director da Obra	2	4,9
Monitor da Instituição B	5	12,2
Funcionária da Instituição B	4	9,8
Treinador de Futebol	1	2,4
Amigo	4	9,8
Prima	3	7,3
Não respondeu	2	4,95
Total	41	100,0

Pela observação da tabela 23, verificamos que os inquiridos como pessoa significativa C, referem com 12,2% (n=5), o monitor da instituição, seguido com 9,8% (n=4) a funcionária da instituição. È de salientar ainda que 14,6% (n=6) dos inquiridos não referenciou nenhuma pessoa C, como figura significativa.

Tabela 23: Distribuição da amostra face às pessoas adultas (Pessoa C) importantes na vida dos jovens

Relação C	nº	%
Avô	2	4,9
Avó	1	2,4
Madrinha	1	2,4
Padrinho	2	4,9
Cunhada	1	2,4
Padrasto	1	2,4
Tio	1	2,4
Tia	2	4,9
Irmão	1	2,4
Irmã	1	2,4
Técnico da Instituição C	3	7,3
Professor da Instituição C	2	4,9
Monitor da Instituição C	5	12,2
Funcionária da Instituição C	4	9,8
Treinador de Futebol	1	2,4
Amigo	3	7,3
Prima	3	7,3
Bisavó	1	2,4
Não Respondeu	6	14,6
Total	41	100,0

Na tabela 24, observamos a opinião em relação à Pessoa A. Relativamente à importância dos adultos na sua vida, verificamos que 92,5% (n=37) referem que podem confiar nessa pessoa, 85,0% (n=34), sentem que essa pessoa se preocupa com ela e que colabora sempre que necessário. 82,5% (n=33), sentem que essa pessoa (A) gosta dela, que normalmente não a desilude, sente-se seguros e geralmente referem receber conselhos dessa pessoa para resolver os seus problemas. 80% (n=32), referem que lhe podem contar os seus problemas, sentem-se valorizados e que se podem divertir com ela, referindo ainda que se sentem compreendidos por ela. 75% (n=30), referem que lhe podem contar tudo o que quiserem. 67,5% (n=27) refere sentir disponibilidade dessa pessoa para partilhar ideias. 50% (n=20), sentem que não são criticados por essa pessoa. 47,5% (n=19), referem que não se sentir triste quando desilude a Pessoa A, e 40% (n=16) refere sentir-se aborrecido quando essa pessoa A se zanga consigo.

Tabela 24: Distribuição da amostra face a dados em relação ao adulto importante na sua vida (Pessoa A)

Adultos Importantes na Sua Vida (QLFS)	É poucas vezes assim		É algumas vezes assim		É muitas vezes assim		É sempre assim	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
1. Sinto que ela gosta de mim	1	2,5%	2	5,0%	4	10,0%	33	82,5%
2. Posso contar-lhe todos os meus problemas	1	2,5%	2	5,0%	5	12,5%	32	80,0%
3. Sinto que ela não me critica.	5	12,5%	3	7,5%	12	30,0%	20	50,0%
4. Normalmente ela não me desilude.	1	2,5%	1	2,5%	5	12,5%	33	82,5%
5. Posso confiar nela.	0	0,0%	1	2,5%	2	5,0%	37	92,5%
6. Colabora comigo sempre que preciso.	1	2,5%	3	7,5%	2	5,0%	34	85,0%
7. Está disponível para partilhar ideias.	0	0,0%	3	7,5%	10	25,0%	27	67,5%
8. Posso falar-lhe de tudo o que eu quiser.	1	2,5%	4	10,0%	5	12,5%	30	75,0%
9. Com ela sinto-me seguro(a).	1	2,5%	1	2,5%	5	12,5%	33	82,5%
10. Sinto que ela me valoriza.	1	2,5%	1	2,5%	6	15,0%	32	80,0%
11. Tenho oportunidade de me divertir quando estou com ela.	1	2,5%	1	2,5%	6	15,0%	32	80,0%
12. Fico aborrecido(a) quando se zanga comigo.	7	17,5%	10	25,0%	7	17,5%	16	40,0%
13. Sinto que ela se preocupa comigo.	0	0,0%	2	5,0%	4	10,0%	34	85,0%
14. Geralmente dá-me conselhos para resolver os meus problemas.	2	5,0%	2	5,0%	3	7,5%	33	82,5%
15. Sinto-me compreendido(a) por ela.	0	0,0%	2	5,0%	6	15,0%	32	80,0%
16. Fico triste quando sinto que a desiludo	5	12,5%	7	17,5%	9	22,5%	19	47,5%

Na análise da tabela 25, referente ao adulto (Pessoa B) importante dos jovens inquiridos podemos verificar, 87,2% (n=34) sentem que podem confiar nessa pessoa, 82,1% (n=32), sentem que ela os valoriza e que colabora sempre com eles. 79,5% (n=31) referem ter oportunidade de se divertir com essa pessoa e que normalmente não são desiludidos por ela. 76,9% (n=30) referem sentir que essa pessoa gosta deles, que se sentem seguros com essa pessoa, 71,8% (n=28), sentem que podem confiar todos os seus problemas e que lhe são dados conselhos para resolver os seus problemas. 69,2% (n=27), sentem que podem contar-lhe tudo o que quiserem e sentem-se compreendidos. 64,1% (n=25) referem que a pessoa B está disponível para partilhar ideias. 51,3% (n=20) sentem que não são criticados por essa pessoa. 46,2% (n=18), refere ficar aborrecido quando essa pessoa se zanga com ele. 41,0% (n=16) fica triste quando sabe que desilude essa pessoa.

Tabela 25: Distribuição da amostra face a dados em relação ao adulto importante na sua vida (Pessoa B)

Adultos Importantes na Sua Vida (QLFS)	**É poucas vezes assim**		**É algumas vezes assim**		**É muitas vezes assim**		**É sempre assim**	
	nº	**%**	**nº**	**%**	**nº**	**%**	**nº**	**%**
1. Sinto que ela gosta de mim	1	2,6%	2	5,1%	6	15,4%	30	76,9%
2. Posso contar-lhe todos os meus problemas	1	2,6%	3	7,7%	7	17,9%	28	71,8%
3. Sinto que ela não me critica.	4	10,3%	1	2,6%	14	35,9%	20	51,3%
4. Normalmente ela não me desilude.	1	2,6%	2	5,1%	5	12,8%	31	79,5%
5. Posso confiar nela.	0	0,0%	0	0,0%	5	12,8%	34	87,2%
6. Colabora comigo sempre que preciso.	0	0,0%	2	5,1%	5	12,8%	32	82,1%
7. Está disponível para partilhar ideias.	1	2,6%	3	7,7%	10	25,6%	25	64,1%
8. Posso falar-lhe de tudo o que eu quiser.	1	2,6%	8	20,5%	3	7,7%	27	69,2%
9. Com ela sinto-me seguro(a).	1	2,6%	1	2,6%	7	17,9%	30	76,9%
10. Sinto que ela me valoriza.	1	2,6%	1	2,6%	5	12,8%	32	82,1%
11. Tenho oportunidade de me divertir quando estou com ela.	1	2,6%	2	5,1%	5	12,8%	31	79,5%
12. Fico aborrecido(a) quando se zanga comigo.	**5**	12,8%	10	25,6%	6	15,4%	18	46,2%
13. Sinto que ela se preocupa comigo.	0	0,0%	3	7,7%	6	15,4%	30	76,9%
14. Geralmente dá-me conselhos para resolver os meus problemas.	1	2,6%	2	5,1%	8	20,5%	28	71,8%
15. Sinto-me compreendido(a) por ela.	1	2,6%	4	10,3%	7	17,9%	27	69,2%
16. Fico triste quando sinto que a desiludo	**7**	17,9%	4	10,3%	12	30,8%	16	41,0%

Pela análise da tabela 26 referente ao adulto importante (Pessoa C) na vida do jovem, podemos observar que 88,6% (n=31) sente que essa pessoa gosta dela, que pode confiar, sente-se valorizado e que têm momentos de diversão com essa pessoa. 82,9 % (n=29), sente que essa pessoa não o desilude e que colabora consigo sempre que é necessário., 80,0% (n=28), refere que pode contar tudo o que quiser a essa pessoa, sente-se seguro e que essa pessoa se preocupa com ela. 77,1% (n=27), sente-se compreendido pela pessoa C. 68,6% (n=24) refere que a pessoa C está disponível para partilhar ideias e que dá conselhos para resolver problemas. 64,7% (n=22) refere que pode contar todos os seus problemas, 62,9% refere que não é criticado por essa pessoa, 42,9% (n=15) diz ficar aborrecido quando a pessoa C se zanga e 40,0% (n=14), refere sentir-se triste quando desilude a pessoa C.

Tabela 26: Distribuição da amostra face a dados em relação ao adulto importante na vida do jovem (Pessoa C)

Adultos Importantes na Sua Vida (QLFS)	É poucas vezes assim		É algumas vezes assim		É muitas vezes assim		É sempre assim	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
1. Sinto que ela gosta de mim	2	5,7%	0	0,0%	2	5,7%	31	88,6%
2. Posso contar-lhe todos os meus problemas	2	5,9%	4	11,8%	6	17,6%	22	64,7%
3. Sinto que ela não me critica.	3	8,6%	1	2,9%	9	25,7%	22	62,9%
4. Normalmente ela não me desilude.	0	0,0%	1	2,9%	5	14,3%	29	82,9%
5. Posso confiar nela.	0	0,0%	0	0,0%	4	11,4%	31	88,6%
6. Colabora comigo sempre que preciso.	0	0,0%	2	5,7%	4	11,4%	29	82,9%
7. Está disponível para partilhar ideias.	2	5,7%	1	2,9%	8	22,9%	24	68,6%
8. Posso falar-lhe de tudo o que eu quiser.	2	5,7%	2	5,7%	3	8,6%	28	80,0%
9. Com ela sinto-me seguro(a).	0	0,0%	0	0,0%	7	20,0%	28	80,0%
10. Sinto que ela me valoriza.	0	0,0%	2	5,7%	2	5,7%	31	88,6%
11. Tenho oportunidade de me divertir quando estou com ela.	0	0,0%	2	5,7%	2	5,7%	31	88,6%
12. Fico aborrecido(a) quando se zanga comigo.	6	17,1%	9	25,7%	5	14,3%	15	42,9%
13. Sinto que ela se preocupa comigo.	1	2,9%	1	2,9%	5	14,3%	28	80,0%
14. Geralmente dá-me conselhos para resolver os meus problemas.	1	2,9%	2	5,7%	8	22,9%	24	68,6%
15. Sinto-me compreendido(a) por ela.	1	2,9%	2	5,7%	5	14,3%	27	77,1%
16. Fico triste quando sinto que a desiludo	5	14,3%	6	17,1%	10	28,6%	14	40,0%

2.2 Analise Inferencial

Neste subcapítulo serão apresentados os resultados obtidos em relação aos testes das hipóteses deste estudo.

Hipótese 1: Existem diferenças estatisticamente significativas entre algumas características sociodemográficas (Idade e Género) e a autoestima dos jovens institucionalizados Lar de São Martinho, na Casa da Crianças de Santo António e Lar "O Girassol".

H1.1: Existe correlação estatisticamente significativa entre a *idade* e a *autoestima* dos jovens institucionalizados Lar de São Martinho, na Casa da Crianças de Santo António e Lar "O Girassol".

Por forma a analisar a relação entre as várias dimensões da escala da autoestima e a idade dos jovens foi utilizado o teste de correlação de Pearson, podendo-se dizer que não existe correlação significativa entre a idade e a autoestima ($p>0,05$), conforme Cohen e Holliday (1982) citados por Bryman e Cramer (1992) correlação inferior ou igual a 0,2 são muito fracas, entre 0,2 e 0,3 são fracas, entre 0,4 e 0,69 moderadas, entre 0,7 e 0,89 são fortes e superiores ou iguais a 0,9 muito fortes. No nosso caso nenhuma ultrapassa os 0,2, pelo que podemos conclui o nível de autoestima não é influenciado pela variável idade dos jovens participantes no estudo (tabela 27).

Tabela 27: Resultados da Aplicação da Correlação de Pearson entre as dimensões da autoestima e a idade dos Jovens

Correlação de Pearson entre as dimensões de auto estima e idade dos jovens	R	*p*
AutoEstima Geral	0,135	0,400
AutoEstima Familiar	-0,051	0,751
AutoEstima Social	0,107	0,506
AutoEstima Escolar	0,001	0,997
AutoEstima Total	0,222	0,163

H1.2: Existe diferença estatisticamente significativa entre o *género* e a *autoestima* dos jovens institucionalizados Lar de São Martinho, na Casa da Crianças de Santo António e Lar "O Girassol".

Com objetivo de apurar a relação entre as dimensões da autoestima e o género dos jovens, foi utilizado o Teste paramétrico T-Student (tabela 28), não se observando diferenças estatisticamente significativas entre as dimensões da autoestima e o género dos jovens ($p>0,05$). No entanto pela análise dos dados verifica-se que quanto à autoestima geral, as jovens do sexo feminino mostram um maior nível de autoestima (média de ordens=32,42), quando comparadas com os jovens do sexo masculino (média de ordens=31,83). Face à dimensão autoestima familiar, as jovens revelam um maior nível de autoestima (média de ordens=4,92), passando-se o mesmo face à autoestima social (média de ordens=5,92) e autoestima escolar (média de ordens=5,42). Quanto ao nível de autoestima total, são os jovens do sexo masculino que apresentam um maior valor de média de ordens (média de ordens=16,31).

Tabela 28: Resultados da aplicação do Teste t-Student entre as dimensões de autoestima e género dos jovens

	Género	nº	Média de ordens	Desvio Padrão (σ)	T	P
AutoEstima Geral	Feminino	12	32,42	9,718	-0,223	0,824
	Masculino	29	31,83	6,719		
AutoEstima Familiar	Feminino	12	4,92	1,676	-0,468	0,643
	Masculino	29	4,66	1,610		
AutoEstima Social	Feminino	12	5,92	2,065	-0,033	0,974
	Masculino	29	5,90	1,633		
AutoEstima Escolar	Feminino	12	5,42	1,782	-0,798	-0,430
	Masculino	29	4,97	1,582		
AutoEstima Total	Feminino	12	16,08	5,282	0,145	0,885
	Masculino	29	16,31	4,235		
Total		41				

Hipótese 2: Existem diferenças estatisticamente significativas entre algumas características relativas ao processo de institucionalização (Motivo de Institucionalização e Tempo de Permanecia na Instituição) e a autoestima dos jovens institucionalizados no Lar de São Martinho, na Casa da Crianças de Santo António e Lar "O Girassol".

H2.1: Existe correlação estatisticamente significativas entre o *Tempo de Permanência na Instituição* e a *autoestima* dos jovens institucionalizados no Lar de São Martinho, na Casa da Crianças de Santo António e Lar "O Girassol".

Relativamente à relação entre as várias dimensões do autoestima e o tempo de institucionalização dos jovens foi utilizado o teste de correlação de Spearman, podendo-se dizer que existem resultados estatisticamente significativos (tabela 29), sendo a correlação positiva entre o nível de autoestima geral (Rho=0,411), autoestima social (Rho=0,383) e autoestima total (Rho=0,006) com o Tempo de Permanência na Instituição, o que significa dizer que quanto maior o tempo de permanência na instituição, maior o nível de autoestima dos jovens institucionalizados no Lar de São Martinho, na Casa da Crianças de Santo António e Lar "O Girassol".

Tabela 29: Resultados da aplicação da correlação de Spearman entre as dimensões da autoestima e o tempo de institucionalização

Correlação de Spearman entre as dimensões de auto estima o tempo de institucionalização dos jovens	Rho	RhoP
AutoEstima Geral	0,411	0,008
AutoEstima Familiar	0,252	0,113
AutoEstima Social	0,383	0,0145
AutoEstima Escolar	0,144	0,368
AutoEstima Total	0,425	0,006

H2.2: Existe diferença estaticamente significativa entre o *motivo de institucionalização* e a *autoestima* dos jovens institucionalizados no Lar de São Martinho, na Casa da Crianças de Santo António e Lar "O Girassol".

Pela análise da tabela 30, verifica-se que a autoestima é influenciada pelo tempo e motivo de institucionalização ($p \leq 0,05$). A autoestima é mais baixa quando o motivo de institucionalização está relacionado com comportamento de risco do jovem, abandono, negligência e violência familiar.

Tabela 30: Resultados da aplicação o Teste Anova entre o motivo de institucionalização e a autoestima

Teste Anova (post-hoc Tukey) entre o motivo de institucionalização e a autoestima	nº	Post-hoc 1	2
Comportamento de risco do jovem	6	28,6667	
Abandono, negligência e violência familiar	24	30,8333	
Défice económico	4	33,5000	33,5000
Morte ou detenção do progenitor	4	35,5000	35,5000
Refugiados	2		46,0000
Sig.		0,05	

3. Discussão dos resultados

No presente capítulo apresentamos a confrontação dos resultados obtidos na investigação com os resultados obtidos pelos autores que integram a revisão da literatura.

Na nossa investigação podemos verificar que a maioria dos jovens participantes no estudo, estão institucionalizados no Lar de São Martinho e no Lar "O Girassol" e são do sexo masculino, com uma média de 15,97 anos de idade. Também o estudo elaborado por Costa (2012), com uma amostra de 61 participantes institucionalizados, unicamente de jovens do sexo masculino, estes apresentavam idades compreendidas entre os 9 e os 22 anos de idade, sendo a média de idades de 15 anos. Contrariamente, no estudo de Mota e Matos (2010) a amostra foi composta por 109 adolescentes institucionalizados, maioritariamente do sexo feminino com idades compreendidas entre os 14 e os 19 anos.

Analisa-se no nosso estudo, que as problemáticas predominantemente associadas aos menores institucionalizados passam por situações de negligência; abandono escolar; absentismo escolar; maus tratos físicos/psicológicos; exposição a modelos de comportamento desviante; consumo de drogas e outras situações de perigo. No que concerne às problemáticas junto das famílias dos jovens institucionalizados as mesmas dizem respeito a quadros de toxicodependência; alcoolismo; detenção dos progenitores; deficiências mentais; morte dos progenitores; violência familiar; perturbação da personalidade; défice económico e prostituição. é ainda possível concluir que da amostra participante nesta investigação, o motivo principal de institucionalização se prende com casos de abandono, negligência e violência familiar. No estudo proferido por Costa (2012), o motivo de institucionalização prendeu-se com a situação de negligência familiar (41%), vítima de maus tratos (16,4%), enquanto os motivos menos frequentes que levaram à institucionalização foram o "abandono escolar", "persistência de integração escolar e falta de acompanhamento educativo por parte da família", "conflitos familiares e fugas de casa", "abandono por parte da progenitora" e "emigração da progenitora". Desta forma conclui-se que em ambos os estudos, as principais

problemáticas associadas a institucionalização estão relacionadas com abandono, negligência e violência familiar.

Na observação de dados do presente estudo, verificamos que os jovens maioritariamente não viveram em outra instituição; que o tempo médio de permanência na instituição atual é de 4,97 anos, sendo que o tempo de permanência varia entre 1 ano e os 17 anos. O estudo realizado por Mota e Matos (2010), vai de encontro com os nossos resultados, visto que o tempo de institucionalização encontrado por estes autores variava entre 1 ano e os 15 anos.

Dos resultados apurados podemos concluir que os motivos que levam os jovens a manter contacto com a instituição passam pela presença de irmãos na instituição, amigos na instituição, relação próxima com técnicos e funcionários e relação próxima com o Diretor da Instituição. Verificamos ainda que a grande maioria dos jovens inquiridos mantém bom relacionamento com o grupo de pares, partilhando momentos de lazer e procuram ajuda dos técnicos ou dos funcionários da instituição quando têm algum problema. Estes dados vão ao encontro ao referido por Siqueira et al. (2006) em que os adolescentes institucionalizados consideram a vivência institucional como o melhor período das suas vidas, caracterizando-a como um meio seguro e protetor para o estabelecimento de laços afetivos estáveis e recíprocos, que perduraram após a saída da instituição.

Neste estudo é possível verificar-se que cerca de metade dos jovens tem pelo menos um irmão na instituição, os mesmos referem ainda terem contato com as famílias de origem mas que gostariam que esses contactos fossem mais frequentes. Conforme a literatura consultada, o processo de inserção numa instituição provoca nos jovens sentimentos de dor, culpa e perda. Estes sentimentos, segundo Herrick e Piccus, (2005), podem ser moderados pela relação estabelecida com os irmãos, sendo que esta tende a proporcionar estabilidade, amor e apoio permanente. Diversas investigações têm apontado uma preferência considerável dos jovens em serem colocados junto com os seus irmãos nas instituições que os acolhem (Festinger, 1983; Herrick, 2002; Knipe & Warren, 1999 citados por Serra, 2013).

Relativamente à escolaridade da amostra verificamos que cerca de metade dos jovens frequentam o 8º e o 9º ano, constatamos ainda que o número de reprovações é de 1,83 anos. Podemos verificar que 75,6% dos jovens inquiridos pretendem continuar os estudos após a saída da instituição. Do estudo realizado por Mota e Matos (2010), verificamos uma correspondência ao nível da escolaridade, sendo que a população que fez parte do estudo destas autoras encontra-se entre o 7º e 12º ano. Relativamente ao insucesso escolar e à

progressão dos estudos, não foi possível comparar os resultados por nós obtidos, visto não termos encontrado estudos que nos permitam realizá-lo.

Verificou-se através deste estudo, que os projetos de vida existentes nas instituições onde foram recolhidos os dados, passam por formação escolar; formação superior; formação profissional; inserção no mercado de trabalho e reintegração familiar. No que se refere aos projetos de vida dos inquiridos, neste estudo podemos verificar que 19,5% gostariam de ser jogadores de futebol, seguidos por 7,3% cozinheiros ou mecânicos. Outras profissões também foram referenciadas tais como: cabeleireiro, diplomata, auxiliar de educador de infância e bombeiro. Quanto à pessoa que os jovens gostariam de ver envolvida nesse projeto futuro, foi referido por 34,1% dos jovens que não necessitavam de ninguém, e uma percentagem diminuta referia a família, a Mãe, irmãos e grupo de pares. Dada a especificidade da pergunta não foram encontrados estudos de referência para comparação destes resultados. No entanto, segundo Martins (2004) o projeto de vida assume uma importância fulcral na caracterização do funcionamento das instituições. Segundo o Instituto para o Desenvolvimento Social (2000), esses incluem, as orientações para a prossecução do fim desejado e as atividades a levar a cabo pela criança para atingir esse objetivo, devendo ter em conta as necessidades escolares e de formação, as necessidades afetivas e as necessidades relacionais. Podemos então concluir que os projetos de vida das instituições participantes se encontram organizadas nesse sentido, uma vez que estes jovens se encontram definidos quanto ao seu projeto de vida.

Considerando a análise referente aos adultos significativos vida destes jovens, verifica-se neste estudo relativamente à pessoa A, que 14,6% dos jovens dão preferência ao professor da instituição, seguido de tio, funcionária da instituição e amigos. Como pessoa B referem com a tia, o técnico da instituição e ao monitor da instituição. Na pessoa C, referem a sua preferência pelo monitor da instituição e da funcionária da instituição. È de salientar ainda que alguns dos inquiridos não referenciou nenhuma pessoa C, como figura significativa. Em suma, verifica-se pelos dados obtidos, uma grande ligação com os vários técnicos e funcionários da instituição com relevância para o grupo de pares.

Das relações estabelecidas podemos concluir que referente à pessoa A, os jovens inquiridos referem ter confiança nela, sentem que essa pessoa se preocupa com eles, que colabora sempre que necessário e referem sentir que essa pessoa gosta deles. Referente ao adulto B importante para os jovens inquiridos, podemos verificar, que estes sentem que podem confiar nessa pessoa, sentem-se valorizados por essa pessoa e que esta colabora sempre com eles. Face ao adulto C significativo na vida dos jovens, podemos observar que

estes sentem que essa pessoa gosta deles, que podem confiar, sentem-se valorizados e que têm momentos de diversão. Referem ainda que essa pessoa não os desilude e que colabora sempre que é necessário. No estudo realizado por Mota e Matos (2010), as autoras revelam que a qualidade da ligação estabelecida com os funcionários da escola e os professores se mostra positivamente relacionada com a comunicação e confiança na relação com os pares. No estudo proferido por Serra (2013), revela correlações entre as dimensões da qualidade de ligação aos professores, funcionários e as dimensões qualidade de ligação aos irmãos, verificando-se que todas se apresentam positivas Estes resultados indicam que uma ligação positiva com os irmãos tende a potenciar relações positivas com outras figuras significativas, como professores e funcionários da escola ou da instituição. Estes resultados vão de encontro ao nosso estudo, pois verificamos que maioritariamente os sentimentos revelados pelos jovens em relação as diversas pessoas significativas são positivos e com base na segurança e afeto.

De seguida passaremos à análise e discussão das hipóteses colocadas no nosso estudo de investigação.

Em relação à (H1.1), "existe correlação estatisticamente significativa entre a idade e a autoestima dos jovens institucionalizados Lar de São Martinho, na Casa da Crianças de Santo António e Lar "O Girassol", conclui-se que não foram encontras correlações entre o nível de autoestima e a idade dos jovens participantes no estudo. Antunes et al. (2006), realizaram um estudo com 645 estudantes residentes com as famílias de origem, a frequentarem do 7º ao 10º ano numa escola secundária, em que os resultados revelaram que as raparigas apresentam mais baixa autoestima do que os rapazes mas só a partir dos 14 anos, idade em que os valores médios da autoestima sofrem uma quebra significativa. A autoestima parece sofrer uma quebra sensivelmente a meio da adolescência, em ambos os sexos, embora ao longo do tempo o nível médio seja mais elevado nos rapazes do que nas raparigas. Estes resultados não corroboram os obtidos no nosso estudo uma vez que não foi encontrada correlação entre autoestima e idade dos participantes, por outro lado os dados são referentes a jovens residentes com as suas famílias de origem.

No que diz respeito à H1.2, "existe diferença estatisticamente significativa entre o *género* e a *autoestima* dos jovens institucionalizados Lar de São Martinho, na Casa da Crianças de Santo António e Lar "O Girassol", podemos concluir que não foram encontradas dados estatisticamente significativo entre as dimensões autoestima e o género dos jovens ($p<5$). No entanto pela análise de resultados podemos verificar que a autoestima geral, a autoestima familiar, a autoestima social e autoestima escolar são mais elevadas nos jovens do

sexo feminino. Referente ao nível de autoestima total, são os jovens do sexo masculino que apresentam um maior valor de média de ordens (média de ordens=16,31). No estudo proferido por Janeiro (2008), com uma população de 620 estudantes não institucionalizados, a estudarem em escolas públicas, em que 278 eram do sexo masculino e 342 do sexo feminino a frequentarem o 9º e 12º ano, a autora verificou que apenas se detetaram dados significativos superiores na comparação entre géneros no nível de auto estima geral dos rapazes no 9ºano de escolaridade e no 12º ano. A única diferença foi no grupo de raparigas o domínio da autoestima escolar. Os resultados apenas sustentam em parte os obtidos no nosso estudo, uma vez que dizem respeito a uma amostra de jovens não institucionalizados, já que não nos foi possível encontrar estudos que evidenciassem esta variável em jovens institucionalizados.

Referente a análise da hipótese H2.1 existe correlação estatisticamente significativa entre o Tempo de Permanência na Instituição e a autoestima dos jovens institucionalizados no Lar de São Martinho, na Casa da Crianças de Santo António e Lar "O Girassol", verificam-se dados estatisticamente significativos, encontrando-se uma correlação positiva entre o nível de autoestima geral, autoestima social e autoestima total com o Tempo de Permanência na Instituição, o que significa dizer que quanto maior o tempo de permanência na instituição, maior o nível de autoestima. No estudo de Costa (2012) foi evidenciado que autoestima e os construtos autoconceito e autoeficácia estão relacionados, verificando-se correlações positivas e moderadas entre os construtos autoconceito e autoeficácia entre a idade e o tempo de institucionalização que vai de encontro aos resultados obtidos no nosso estudo. O tempo de Institucionalização influência de forma positiva a autoestima.

Na última hipótese do nosso estudo H2.2 "existe diferença estaticamente significativa entre o motivo de institucionalização e a autoestima dos jovens institucionalizados no Lar de São Martinho, na Casa da Crianças de Santo António e Lar "O Girassol", verifica-se que a autoestima é influenciada pelo tempo e motivo de institucionalização. Concluímos ainda que a autoestima é mais baixa quando o motivo de institucionalização está relacionado com comportamento de risco do jovem, abandono, negligência e violência familiar. No estudo já acima referenciado proferido por Costa (2012), apenas o motivo de institucionalização "absentismo escolar" apresentou dados estatisticamente significativos em relação ao autoconceito.

CONCLUSÃO

Face aos resultados obtidos podemos concluir que os jovens no estudo revelaram quais as suas expectativas em relação aos projetos futuros, assim como foi possível verificar que estabelecem relações de afeto, de segurança e confiança com técnicos, funcionários das instituições e com grupos de pares, sendo de referir que a família biológica continua muito presente na vida destes jovens no que se refere ao acompanhamento após institucionalização.

Podemos ainda concluir que a autoestima é mais baixa quando o motivo de institucionalização se prende com motivos de abandono, negligência e violência familiar. No que se refere à diferença de géneros, a autoestima é mais elevada na autoestima geral, familiar, e escolar nas jovens do sexo feminino, sendo a autoestima total mais elevada nos rapazes.

Como qualquer estudo, também a presente investigação revela limitações nomeadamente ao nível da amostra que devido ao seu tamanho, não é representativa, e portanto não permite a realização de generalizações. O facto de ser um estudo transversal só com um momento de recolha de dados associado a desejabilidade social dos participantes pode originar o fenómeno de viés de prevalência, ou seja, pode haver um enviesamento dos resultados e não condizer com a realidade pessoal dos participantes do estudo. O facto de haver apenas um momento de recolha de dados torna-se difícil estabelecer uma relação temporal entre as variáveis e considerar com maior certeza se a relação entre variáveis é causal ou não.

Relativamente às dificuldades sentidas na realização deste trabalho é de referenciar que em outras instituições não se verificou disponibilidade para a participação na presente investigação. Dada a abrangência dos objetivos e a sua complexidade acabou por se revelar mais problemática quando se realizou a análise e a correlação das variáveis.

Este trabalho constitui-se como um desafio do ponto de vista profissional e pessoal. Permitiu um maior aprofundamento do conhecimento tanto ao nível teórico como pratico dos passos de um projeto de investigação. Permitiu-me ainda ter um contacto direto não só com a dinâmica das instituições, assim como o motivo que leva os jovens a ser institucionalizados, a forma como estes percecionam o processo de institucionalização e as relações interpessoais que vão estabelecendo e a importância que lhes atribuem.

Com este estudo foi possível refletir de uma forma mais profunda a reciprocidade das relações significativas e estruturantes que estabelecemos ao longo da vida. Em futuros estudos penso que seria interessante aplicar não só este estudo a outras instituições, como

aprofundar melhor as questões das relações que se estabelecem e de que forma se mantém após a saída da instituição.

Referências Bibliográficas

Alberto, I. (2003). *Como pássaros em gaiolas? Reflexões em torno da institucionalização de menores em risco,* In Machado, C. e Gonçalves, R. (Coord.), Violência e Vítimas de Crimes (vol. 2). Coimbra: Quarteto.

Alves, S. (2007). *Filhos da Madrugada: percursos de jovens em lares de infância e juventude.* Lisboa: ISCSP.

Antunes, C., Sousal, M.C., Carvalho, A., Costa, M., Raimundo, F., Lemos, E., Cardoso, F., Gomes, F., Alhais, D., Rocha, A., & Andrade, A. (2006). Auto-estima e comportamentos de e saúde e de risco no adolescente: efeitos diferenciais em alunos do 7º ao 10º ano. *Psicologia, saúde & doenças*, 7 (1), 117-123.

Barth, R., Greeson, J., Zlotnik, S. & Chintapalli, L. (2009). Evidence-based practice for youth in supervised out-of-home care: a framework for development, definition, and evaluation. *The Journal of Evidence Based Practice in Social Work*, 6:2, pp: 147 –175. Acedido em, 8 de Agosto de 2013, doi:http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15433710802683796.

Bednar, R. L., & Peterson S. R., (1995). *Self-esteem: Paradoxes and innovations in clinical theor y and practice.* Washington, American Psychological Association.

Bogdan, R., Biklen, S. (1994)- *Características da investigação qualitativa. In: Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto, Porto Editora, 1994. p.47-51.

Bowlbly, J. (1981). *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo: Martins Fontes Editora.

Bowlbly, J. (1984). *Apego e perda,* Vol. 2, Separação: Angústia e raiva. São Paulo: Martins Fontes Editora.

Branden, N. (2002). *Auto-estima e os seus pilares*. Tradução de Vera Caputo. (7ª. ed.) São Paulo: Saraiva.

Bryman, A., & Cramner. D., (1990). *Análise de dados em ciências sociais: introdução às técnicas utilizando o SPSS.* Tradução de Alexandra Barros.Oeiras: Celta Editora

Coopersmith, S. (1981). *SEI - The Self Esteem Inventories*. Palo Alto: Consulting Psychologists Press.

Costa, A.M. (2012), *Autoconceito e autoeficacia em crianças/jovens institucionalizados*. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade Fernando Pessoa Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.

Diener, E., & Diener, M. (1995). Cross-cultural correlates of life satisfaction and self-esteem. *Journal of Personality and Social Psychology, 68*, 653-663.

Fernández, J.M., Cortina, D.D., Malpica, M.J., Mohamed, A. (2010). Relación entre el apoyo social, la satisfacción vital y las expectativas de futuro de menores acogidos en centros de protección. *Electronic Journal of Research in Educational Psychology, 8*(2), 643-654.

Fortim, M.F. (2009). *O processo de Investigação da Concepção à Realização*. (5ªed.). Lusociências. Edições Técnicas e Científicas, Lda. Loures.

Herrick, M., A., & Piccus, W. (2005). Sibling connections: the importance of nurturing sibling bonds in the foster care system. *Children and Youth Services Review, 27*, 845–861. Acedido em, 6 de junho de 2013. doi:10.1016/j.childyouth.

Instituto para o Desenvolvimento Social (2000). Lares de crianças e jovens: caracterização e dinâmicas de funcionamento. Lisboa: Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social. Acedido em, 10 de março de 2013, http://www.cnpcjr.pt/preview_documentos.asp?r=218&m=PDF.

Instituto da Segurança Social, Casa 2012- Relatório de caracterização anual da situação de acolhimento das crianças e jovens. Acedido em, 20 de abril de 2013, http://www.parlamento.pt/Documents/XIILEG/Abril2013/CASA2012.pdf.

Janeiro, I. N. (1997). *Estudo sobre as relações entre a auto-estima e as atitudes de planeamento e de exploração da carreira numa amostra de jovens do 9º e do 11º anos.* Dissertação de mestrado. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

Janeiro, I. N. (2008). Inventário de auto-estima de Coopersmith: Características psicométricas da versão portuguesa. *Actas da XIII conferência avaliação psicológica: Formas e contextos.*

Leary, M. R., Tambor, E. S., Terdal S. K., & Downs, D. L. (1995). Self-esteem as an interpersonal monitor: The sociometer hypothesis. *Journal of Personality and Social Psychology, 68, 518-530.*

Machado, J.P. (1993). *Culturas Juve*nis. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Marin, I. (1999). *FEBEM, família e identidade: (o lugar do outro*). 2. ed. São Paulo: Escuta.

Martins, P. C. M. (2004). Protecção de crianças e jovens em itinerários de risco representações sociais, modos e espaços. Tese de doutoramento em Estudos da Criança Braga: Universidade do Minho. Acedido em, 20 de março de 2013, http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/3238/1/1.%20Parte%20te%C3%B3rica.pdf.

Mota, C.P., & Matos, P. M. (2005). *Questionário de ligação a figuras significativas – QLFS*. Manuscrito não publicado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Mota, C. P. (2008). *Dimensões relacionais no processo de adaptação psicossocial de adolescentes: vulnerabilidade e resiliência em institucionalização, no divórcio e em famílias intactas.* Tese de Doutoramento não publicada. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto.

Mota, C., & Matos, P. (2008). Adolescência e institucionalização numa perspectiva de vinculação. *Psicologia & Sociedade, 3,* 367-377.

Mota, C.P. e Matos, P.M. (2010). Adolescentes institucionalizados: O papel das figuras significativas na predição da assertividade, empatia e autocontrolo. *Análise Psicológica, 2 (XXVIII),* Lisboa, ISPA.

Orionte, I., & Souza, S. (2005). O significado do abandono para crianças institucionalizadas. *Psicologia em Revista, 11 (17), 29-46.*

Rizzini, I. (1997). *O século perdido*. Rio de Janeiro: Amais.

Sá, P.C. (2010). *Vinculação ao pai a e a mãe: contribuições específicas para ajustamento escolar em crianças.* Tese de mestrado não publicada, Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia.

Santana J., Frosi, T., & Koller, S. (2004). Instituições de atendimento a crianças e adolescentes em situação de rua. *Psicologia & Sociedade*. Porto Alegre, 16 (2), 59-70.

Serrano, G. (2004). *Investigación cualitativa. Retos e interrogantes*. Madrid: Ed. La Muralla.

Serra, L. F. (2013). *Qualidade da relação entre irmãos e outras figuras significativas em adolescentes institucionalizados: desenvolvimento de psicopatologia e comportamentos desviantes*. Tese de mestrado não publicada, Universidade de Trás os Montes e Alto Douro.

Siqueira, A. C., Betts, M. K., & Dell'Aglio, D. D. (2006). A rede de apoio social e afetivo de adolescentes institucionalizados no Sul do Brasil. *Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology, 40(2), 149-158.*

Silva, A.M (2011) *Vinculação e inteligência emocional: um percurso ao longo do ciclo vital*. Tese de mestrado não publicada, Universidade Fernando Pessoa.

Silva, S.A (2007) *Auto percepção, autoestima, ansiedade físico social e imagem corporal dos particpipantes de fitness*. Monografia de licenciatura não publicada, Universidade de Coimbra.

Tuckman, B. (2000). *Manual de investigação em educação*. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa.

Thompson, R. A. (2008). Early attachment and later development: Familiar questions, new answers. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications, 2nd ed., pp. 348-365. New York: Guilford.

Winnicott. D. (2000). *Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro, Editora Imago.

Anexo I

Instrumentos de recolha de dados

	Parecido Comigo	Diferente De Mim
1. Habitualmente não me incomodo com qualquer coisa	☐	☐
2. Acho muito difícil falar em frente da turma	☐	☐
3. Se pudesse modificaria muitas coisas em mim	☐	☐
4. Consigo tomar decisões facilmente	☐	☐
5. Sou uma pessoa divertida	☐	☐
6. Aborreço-me facilmente em casa	☐	☐
7. Demoro muito tempo a habituar-me a qualquer coisa nova	☐	☐
8. Sou popular entre os jovens da minha idade	☐	☐
9. Habitualmente os meus pais respeitam os meus sentimentos	☐	☐
10. Costumo ceder facilmente	☐	☐
11. Os meus pais esperam demasiado de mim	☐	☐
12. É bastante difícil ser eu próprio/a	☐	☐
13. Está tudo muito confuso na minha vida	☐	☐
14. Habitualmente os jovens da minha idade seguem as minhas ideias	☐	☐
15. Tenho uma fraca opinião sobre mim próprio/a	☐	☐
16. Há muitas ocasiões em que gostaria de sair de casa	☐	☐
17. É frequente sentir-me aborrecido/a na escola	☐	☐
18. Não tenho tão bom aspecto quanto a maioria das pessoas	☐	☐
19. Se tenho alguma coisa para dizer, habitualmente digo	☐	☐
20. Os meus pais compreendem-me	☐	☐
21. A maioria das pessoas têm mais qualidades do que eu	☐	☐
22. Habitualmente sinto como se os meus pais me estivessem a pressionar	☐	☐
23. Frequentemente sinto-me desencorajado/a na escola	☐	☐
24. Frequentemente desejo ser outra pessoa	☐	☐
25. Não se pode confiar em mim	☐	☐
26. Nunca me preocupo com nada	☐	☐
27. Tenho muita confiança em mim próprio/a	☐	☐
28. É fácil gostarem de mim	☐	☐
29. Os meus pais e eu divertimo-nos bastante em conjunto	☐	☐

	Parecido Comigo	Diferente de Mim
30. Passo muito tempo a sonhar acordado	☐	☐
31. Gostava de ser mais novo/a	☐	☐
32. Faço sempre aquilo que está certo	☐	☐
33. Sinto-me orgulhoso/a do meu trabalho na escola	☐	☐
34. Alguém tem sempre que me dizer o que devo fazer	☐	☐
35. Arrependo-me muitas vezes das coisas que faço	☐	☐
36. Nunca estou contente	☐	☐
37. Estou a fazer o melhor que posso	☐	☐
38. Em geral consigo tomar conta de mim próprio/a	☐	☐
39. Sou bastante feliz	☐	☐
40. Prefiro divertir-me com pessoas mais novas do que eu	☐	☐
41. Gosto de toda a gente que conheço	☐	☐
42. Gosto de ser chamado/a a intervir nas aulas	☐	☐
43. Compreendo-me a mim próprio/a	☐	☐
44. Ninguém me presta muita atenção em casa	☐	☐
45. Nunca fico irritado/a	☐	☐
46. Não me estou a sair tão bem na escola como gostaria	☐	☐
47. Consigo tomar decisões e mantê-las	☐	☐
48. Na verdade não gosto de ser rapaz / rapariga	☐	☐
49. Não gosto de estar com outras pessoas	☐	☐
50. Nunca sou tímido/a	☐	☐
51. Muitas vezes sinto vergonha de mim próprio/a	☐	☐
52.Muitas vezes os meus colegas troçam de mim	☐	☐
53. Digo sempre a verdade	☐	☐
54. Os meus professores fazem-me sentir que não sou suficientemente bom	☐	☐
55. Não me preocupo com o que me possa acontecer	☐	☐
56. Sou um/uma falhado/a	☐	☐
57. Quando me repreendem fico facilmente aborrecido/a	☐	☐
58. Sei sempre o que dizer às pessoas	☐	☐

G. ☐ S. ☐ F. ☐ E. ☐ Tot ☐

Stanley Coopersmith
University of Califórnia
(Versão portuguesa experimental de Isabel N. Janeiro)

Nome: _____

Idade: _____ Data de Nascimento: ___/___/___ Sexo:_____

Ano de Escolaridade: _____ Turma: _____

Idade do Pai: _____ Idade da Mãe: _____

Estudos do Pai: _____ Profissão: _____

Estudos da Mãe:_____ Profissão: _____

Número de Irmãos: _____ Idades dos Irmãos:_____

Instruções:
Nas páginas seguintes, encontras uma lista de frases sobre sentimentos. Se uma frase descreve a forma como habitualmente te sentes, coloca um **X** na coluna "Parecido Comigo".
Se a frase não descreve a forma como em geral te sentes coloca um **X** na coluna "Diferente de mim".
Não existem respostas certas ou erradas.
As respostas são confidenciais.

Obrigado pela colaboração

QLFS (Mota, C. P., & Matos, P.M., 2005)

Data:___/___/____

Adultos Importantes na Sua Vida

Neste questionário vai encontrar algumas afirmações sobre ***3 pessoas adultas*** que gostaríamos que escolhesse como ***"pessoas importantes na sua vida", exceptuando os seus pais.***

Referente a cada pessoa que escolher, e para cada afirmação deverá assinalar a sua opinião nos quadrados que se encontram depois da frase, colocando o número correspondente. Pode escolher entre quatro alternativas, identificadas por quatro números:

É poucas vezes assim	É algumas vezes assim	É muitas vezes assim	É sempre assim
1	2	3	4

Refira 3 ***"pessoas adultas importantes na sua vida", indicando como a conheceu, qual a ligação a ela e há quanto tempo a conhece***:

	Pessoa	***Como a conheceu***	***Qual a ligação***	***Há quanto tempo***
A-	_____	_____	_____	_____
B-	_____	_____	_____	_____
C-	_____	_____	_____	_____

Em relação a essa pessoa…	***A***	***B***	***C***
1. Sinto que ela gosta de mim.			
2. Posso contar-lhe todos os meus problemas			
3. Sinto que ela não me critica.			
4. Normalmente ela não me desilude.			
5. Posso confiar nela.			
6. Colabora comigo sempre que preciso.			
7. Está disponível para partilhar ideias.			
8. Posso falar-lhe de tudo o que eu quiser.			
9. Com ela sinto-me seguro(a).			
10. Sinto que ela me valoriza.			
11. Tenho oportunidade de me divertir quando estou com ela.			
12. Fico aborrecido(a) quando se zanga comigo.			
13. Sinto que ela se preocupa comigo.			
14. Geralmente dá-me conselhos para resolver os meus problemas.			
15. Sinto-me compreendido(a) por ela.			
16. Fico triste quando sinto que a desiludo			

Instruções sobre o preenchimento do questionário

Este questionário é constituído por duas partes sendo que a primeira parte se destina ao técnico da instituição e a segunda parte ao jovem institucionalizado.

Este questionário serve de base para um estudo sobre" "E*xpectativas Futuras de Jovens Institucionalizados – Auto estima e Figuras Significativas*", sendo que, a sua colaboração e fundamental.

Pedimos que responda a todas as questões que se seguem. Não existem respostas certas nem erradas. Queremos apenas a sua opinião sincera.

A resposta não será mostrada a ninguém.

Responde a todas as questões de seguida sem deixar nenhuma em branco.

Obrigada pela sua colaboração!

PARTE I – Dirigido à Instituição

1.Identificação da Instituição

Nome da Instituição_____

Número de Jovens Institucionalizados _____

Sexo Feminino____ Sexo Masculino _____

2.Razões que terão determinado a Institucionalização do Menor

2.1 Quais os 6 (seis) tipos de problemática detetados que apresentam maior <u>incidência junto dos menores?</u>

Nota: indicar com código da lista anexa

PM____ PM____

PM____ PM____

PM____ PM____

2.2.Qual o tipo de problemática detetados que apresentam maior incidência <u>junto das famílias dos menores?</u>

Nota: indicar com código da lista anexa

PF____ PF_____

PF____ PF_____

PF____ PF_____

3.Projetos da Instituição

3.1. A Instituição tem desenvolvido projetos de vida para os jovens Institucionalizados?

Não ☐ Sim ☐

Se respondeu sim indique da lista quais.

Formação escolar ☐

Ensino Superior ☐

Carreira Militar ☐

Formação Profissional ☐

Inserção no Mercado Trabalho ☐

Outros. _____

_____

_____

4.Comportamento dos Jovens após a saída da Instituição

4.1.Depois de saírem da Instituição quais os motivos que leva os jovens a manterem contacto com a mesma.

Irmãos na Instituição ☐

Amigos na Instituição ☐

Relação proximidade com os técnicos e funcionários ☐

Outro_____

Este questionário serve de base para um estudo sobre" "E*xpectativas Futuras de Jovens Institucionalizados – Auto estima e Figuras Significativas*", sendo que, a sua colaboração e fundamental.

Pedimos que responda a todas as questões que se seguem. Não existem respostas certas nem erradas. Queremos apenas a sua opinião sincera.

A resposta não será mostrada a ninguém.

Responde a todas as questões de seguida sem deixar nenhuma em branco.

Obrigada pela sua colaboração!

PARTE II – Dirigido os Jovens

1.Identificação Pessoal/Situação Institucional

Sexo _____ Idade_____

Motivo da Institucionalização_____

Há quanto tempo vive na Instituição_____

Já viveu em outra Instituição? Não ☐ Sim ☐ Durante quanto tempo_____

Relaciona-se bem com os colegas da Instituição? Não ☐ Sim ☐

Partilha momentos de lazer com os colegas da Instituição? Não ☐ Sim ☐

Procura ajuda dos técnicos ou dos funcionários da instituição quando tem algum problema?

Não ☐ Sim ☐

2.Identificação familiar

Tem algum irmão na instituição? Não ☐ Sim ☐ Quantos/idade_____

Têm contacto com pessoas da família? Não ☐ Sim ☐ Com quem?_____

Gostaria de ter mais contacto com essa pessoa?

Não ☐ Sim ☐

3.Identificação escolar

Escola que frequenta_____ Ano de escolaridade_____

Já reprovou algum ano? Não☐ Sim ☐ Quantas Vezes ☐:

Em que ano_____

4.Projetos Futuros Fora da Instituição

Pretende continuar a estudar quando sair da instituição? Não☐ Sim ☐

Que profissão gostaria de ter no futuro? _____

Quem gostaria de ver envolvido nesse projeto futuro?

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

2.1	**Problemática dos Menores**
PM1	Abandono
PM2	Negligencia
PM3	Abandono Escolar
PM4	Absentismo Escolar
PM5	Maus Tratos Físicos/Psicológicos
PM6	Abuso Sexual
PM7	Mendicidade
PM8	Exposição a modelos de comportamentos desviantes
PM9	Problemas de saúde
PM10	Incesto
PM11	Consumo de Drogas
PM12	Prostituição
PM13	Outras Situações de Perigo

2.2	**Problemática Social da Família**
PF1	Toxicodependência
PF2	Alcoolismo
PF3	Detenção do(S) Progenitor (es)
PF4	Deficiências Mentais
PF5	Morte dos Progenitores
PF6	Violência Familiar
PF7	Perturbações da Personalidade
PF8	Défice económico
PF9	Prostituição

Anexo II

Autorização das Autoras para utilização dos Instrumentos

Prf.Dout.Isabel Janeiro-Inv Auto Estima 21-0

Para: ana isabel marques

6 anexos (total 5,4 MB) Vista Ativa **do Outlook**







Ver apresentação de diapositivos (5) Transferir tudo como zip

Olá Ana Isabel,
Junto envio o Inventário de Coopersmith e chaves de cotação.
Gostaria depois de saber os resultados do seu trabalho.

Felicidades para o trabalho.
Isabel

Isabel N. Janeiro
Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa
Alameda da Universidade
1649-013 Lisboa
Portugal
e-mail:
isajaneiro@fp.ul.pt<mailto:isajaneiro@fp.ul
<mailto:isajaneiro@fp.ul.pt>

© 2013 Microsoft Termos Privacidade e cookies Programadores

FW: Pedido de autorização para Inventario de Auto Estima de Coopersmith

Para ver mensagens relacionadas com esta, deve agrupar mensagens por conversação.



ana isabel marques 17-03-2013
Para: injaneiro@fp.ul.pt

Exma.Professora Doutoura Isabel Janeiro

Eu, Ana Isabel Pedro dos Santos Claro Marques, nº 8346, Mestranda em Psicologia Clínica, no Ramo de Especialização em Psicoterapias e Psicologia Clínica no Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra, em parceria com o Instituto Politécnico de Leiria, **solicito a vossa excelência a disponibilização do instrumento**
, Inventário de Auto-Estima de Coopersmith, versão pc **tal como os dados psicometricos do mesmo** para que este possa ser aplicado no estudo "*Expectativas Futuras de Jovens Institucionalizados – Auto estima e Figuras Significativas*".

Aguardo a sua informação.
Cumprimentos
Ana Claro Marques
918458420

© 2013 Microsoft Termos Privacidade e cookies Programadores

ana isabel

Re: Pedido de autorização do QLFS(Mota, C.P., & Matos, P.M., 2005)

Mover para
catarir
pinhei
Ver conta

Para ver mensagens relacionadas com esta, deve agrupar mensagens por conversação.



catarina pinheiro mota 27-01-2013
Para: ana isabel marques

Boa noite,
O tratamento do QLFS é idêntico, não existe uma cotação mas um tratamento dos valores obtidos na escala de likert, poderá encontrá-lo também na minha tese, a diferença é que é solicitado ao jovem a identficação de 3 figuras significativas adultas (A;B;C), tem autorização do seu uso, cumprimentos

Em 27 de janeiro de 2013 18:51, ana isabel marques <ana.isa.marques@hotmail.com> escreveu:

> Boa Tarde Professora Catarina
>
> Desde já agradeço a resposta ao e-mail.
>
> O questionário que pretendo utilizar e que será fundamental para o meu estudo é o QLFS - Questionário de ligação a figuras significativas, e não o QLPF(Questionário de Ligação a Professores e Funcionários) pelo que solicito autorização para a sua utilização assim como informação sobre a sua cotação.
> Obrigada pela atenção.
>
> Melhores cumprimentos
>
> Ana Claro Marques
>
> Date: Sun, 27 Jan 2013 15:01:28 +0000

Conteúdo

© 2013 Microsoft Termos Privacidade e cookies Programadores Saber mais

Pedido de autorização do QLFS(Mota, C.P., & Matos, P.M., 2005)

Para ver mensagens relacionadas com esta, deve agrupar mensagens por conversação.



ana isabel marques 23-01-2013
Para: pmmatos@fpce.up.pt

Exma. Senhora Professora Paula Matos;

Ana Isabel Pedro dos Santos Claro Marques, nº 8346, Mestranda em Psicologia Clínica, no Ramo de Especialização em Psicoterapias e Psicologia Clínica no Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra, em parceria com o Instituto Politécnico de Leiria, a realizar de um estudo nesta Instituição, sobre a orientação da Professora Doutora Carolina Henriques. O estudo intitula-se "*Expectativas Futuras de Jovens Institucionalizados – Estilos de Vinculação aos Pais e Figuras Significativas*",, venho desta forma solicitar autorização para a utilização do QLFS(Mota, C.P., & Matos, P.M., 2005), assim como e se possível me envie os dados para a sua aplicação e cotação.

Grata pela atenção dispensada.

Com os melhores cumprimentos

Ana Claro Marques

© 2013 Microsoft Termos Privacidade e cookies Programadores

Anexo III

Pedido de autorização para a recolha de dados

Lar São Martinho

Exmo. Sr. Padre Serra

larpeserra@gmail.com

Ana Isabel Pedro dos Santos Claro Marques, nº8346, Mestranda em Psicologia Clínica, no Ramo de Especialização em Psicoterapias e Psicologia Clínica no Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra, em parceria com o Instituto Politécnico de Leiria, venho por este meio solicitar autorização para a realização de um estudo com os jovens institucionalizados no Lar de São Martinho, na Casa da Criança de Santo António e Lar "O Girassol", sobre a orientação da Professora Doutora Carolina Henriques.

O estudo intitula-se "*Expectativas Futuras de Jovens Institucionalizados – Auto Estima e Figuras Significativas*", com os seguintes objectivos:

1. Conhecer as características sociodemográficas dos jovens institucionalizados no Lar de São Martinho, na Casa da Crianças de Santo António e Casa do Girassol.
2. Conhecer as características relativas ao processo de institucionalização dos jovens institucionalizados no Lar de São Martinho, na Casa da Crianças de Santo António e Lar "O Girassol".
3. Conhecer as figuras significativas dos jovens institucionalizados no Lar de São Martinho, na Casa da Crianças de Santo António e Lar "O Girassol".
4. Analisar a relação existente entre algumas características sociodemográficas (Idade e Género) e a autoestima dos jovens institucionalizados no Lar de São Martinho, na Casa da Crianças de Santo António e Lar "O Girassol"..
5. Analisar a relação existente entre algumas características relativas ao processo de institucionalização (Motivo de Institucionalização e Tempo de Permanecia na Instituição) e a autoestima dos jovens institucionalizados no Lar de São Martinho, na Casa da Crianças de Santo António e Lar "O Girassol"..
6. Conhecer as expectativas futuras dos jovens institucionalizados no Lar de São Martinho, na Casa da Crianças de Santo António Lar "O Girassol".

A recolha de dados será feita através um questionário sociodemográfico em que se pede a colaboração do Técnico responsável pela Instituição para o preenchimento do mesmo. A escala utilizada será I*nventário de auto-estima de Coopersmith,* composta por

quatro subescalas que avaliam diferentes aspectos da auto-estima: a subescala *«Social Self-Peers»*, com o objectivo de avaliar a auto-estima social, a *«General Self»* que pretende estimar a auto-estima geral, a *«Home-Parents Self»* com o objectivo de avaliar a auto-estima familiar e, finalmente, a *«School Academic»* para a avaliação da auto-estima escolar. Com excepção da subescala *«General Self»* que inclui 26 itens, as restantes três subescalas são compostas, cada uma delas, por oito itens. Um Questionário de Ligação a Figuras Significativas - *QLFS* (Mota & Matos, 2005) elaborado originalmente para uso com adolescentes, pretendendo-se que haja uma escolha de 3 adultos que não a figura parental, como figuras de eleição enquanto apoio na sua vida.

Prevê-se que a colheita de dados seja iniciada no decorrer do mês de Abril e Maio, sem qualquer prejuízo do bom funcionamento da instituição, sendo que é totalmente garantida a confidencialidade dos dados, a privacidade e o respeito pelos intervenientes no estudo.

Solicito também consentimento para revelar o nome da Instituição no relatório final deste estudo.

Agradeço a vossa compreensão e a vossa colaboração, na medida em que esta é indispensável para a concretização deste estudo.

Atenciosamente

Ana Claro Marques

(ana.isa.marques@hotmail.com)